

**unidos de vila izabel**  
um enredo de memórias do bairro



vitor daniel menck



**unidos de vila izabel:  
um enredo de memórias do bairro**

**vitor daniel menck**

**comissão de acompanhamento permanente (cap)**

aline coelho sanches

gisela cunha viana leonelli

joubert josé lancha

luciana bongiovanni martins schenk

paulo César castral (orientador)

**coordenador do grupo temático (gt)**

amanda saba ruggiero (orientadora)

trabalho de graduação integrado

universidade de são paulo

instituto de arquitetura e urbanismo

são carlos

2024

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA



Atribuição Não Comercial - Compartilha Igual - CC BY-NC-SA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Menck, Vitor Daniel  
Unidos de Vila Izabel: um enredo de memórias do bairro / Vitor Daniel Menck. -- São Carlos, 2024.  
160 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.

1. São Carlos-SP. 2. Memória coletiva. 3. Territórios negros. 4. Patrimônio cultural. 5. Decolonialidade. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

## unidos de vila izabel: um enredo de memórias do bairro

vitor daniel menck

trabalho de graduação integrado apresentado ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP – Campus de São Carlos

aprovado em:

banca examinadora:

---

Paulo César Castral  
IAU USP

---

Amanda Saba Ruggiero  
IAU USP

---


Nubia Bernardi  
FECFAU UNICAMP

## RESUMO

O trabalho investiga a Vila Izabel, bairro periférico de São Carlos-SP e entendido aqui como território negro caracterizado por memórias coletivas, resistências culturais e práticas socioterritoriais afro-brasileiras. A partir de uma abordagem decolonial, analisa-se como as dinâmicas sociais e espaciais do bairro foram moldadas pelas vivências de seus moradores, especialmente no contexto da marginalização histórica enfrentada pelas populações negras no Brasil. Por meio de fontes bibliográficas, cartografias e relatos orais, o estudo resgata as múltiplas camadas de significado que compõem o território, com destaque para o quintal como símbolo de sociabilidade e resistência, reinterpretado como um quilombo urbano.

As memórias coletivas da Vila Izabel, conectadas às tradições africanas e ao cotidiano comunitário, são apresentadas como elementos centrais para a valorização e preservação do patrimônio cultural do bairro. Em diálogo com essas narrativas, a proposta arquitetônica desenvolvida neste trabalho cria um espaço multifuncional em um terreno estratégico, com o objetivo de promover práticas culturais, educativas, sociais e políticas que conectem passado e presente. O projeto, fundamentado nos saberes locais, desafia narrativas patrimoniais hegemônicas, defendendo o patrimônio vivo como processo dinâmico.

**Palavras-chave:** São Carlos-SP; Memória coletiva; Territórios negros; Patrimônio cultural; Decolonialidade.



À Joana D'Arc, professora e amiga, minha primeira orientadora de graduação, que enxergou em mim um potencial que eu mesmo ainda não via.

Ao Casimiro, grande referência e grão, por suas lições sobre politizar, resistir e nunca deixar de se impor.

À instituição, seus docentes e colaboradores, com destaque para Paulo Castral, que me guiou com paciência neste trabalho e ainda terá que suportar minhas inquietações por mais algum tempo, e para Amanda, cujas contribuições foram fundamentais para a construção deste trabalho.

À Dona Julia e aos moradores da Vila Izabel, que generosamente compartilharam suas memórias e vivências, trazendo alma a este trabalho.


Aos amigos que caminharam comigo durante a graduação, em especial os do Quarto 9.

Ao Rafa, por seu apoio incansável e por me lembrar que nunca estou sozinho.

À minha família, cuja luta sempre foi maior do que qualquer desafio que enfrentei aqui, e que, com amor, tornou possível cada passo desta caminhada.

Em especial, à minha mãe, Eni, por ser força, inspiração e a certeza de que sempre há motivo para acreditar.

E ao meu Vô Zé, que me ensinou o valor do saber e acreditava que eu seria doutor. Sua memória e seu orgulho são minha fortaleza.



# SUMÁRIO

1

**INTRODUÇÃO**  
p. 14

2

**A VILA IZABEL**  
p. 28

3

**O PATRIMÔNIO DO  
QUINTAL**  
p. 54

4

**O PROJETO**  
p. 80

5

**REFERÊNCIAS**  
p. 154

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma série de investigações realizadas desde 2020 pelo aluno sobre a temática da diáspora e suas manifestações nas cidades do interior paulista. O objetivo destas pesquisas é documentar, mapear, registrar e analisar as contribuições das populações africanas e afro-brasileiras no Brasil, especialmente nos campos da cultura, arquitetura e urbanismo. Neste contexto, este estudo visa questionar a colonialidade do saber, buscando localizar, valorizar e preservar as práticas e vivências dos povos colonizados, com ênfase nas populações negras.

Na seção introdutória, a partir de uma perspectiva decolonial, são discutidas as *dinâmicas do território e seus corpos*, ou seja, como a forma de habitar o território é moldada pelos corpos que nele vivem, sendo a influência colonial e capitalista responsável por diversas questões ambientais e sociais. O foco está na compreensão do espaço através do uso e ocupação por populações marginalizadas no processo histórico de formação das ci-

dades brasileiras, especialmente a população negra, conforme abordado na discussão sobre *urbanização brasileira e territórios negros*. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de reavaliar as narrativas históricas e cartográficas tradicionais, frequentemente centradas em perspectivas eurocêntricas, para incluir e reconhecer as contribuições e resistências das comunidades afro-brasileiras.

A análise desses territórios no município de São Carlos-SP conduz à segunda seção, que examina o bairro Vila Izabel como um território negro na cidade. Aqui, o trabalho busca resgatar as *memórias da Vila Izabel* mediante a combinação de leituras históricas a partir de fontes bibliográficas, cartografias obtidas através de dados públicos e, sobretudo, da memória oral, com entrevistas realizadas com figuras importantes do bairro. Essas memórias fundamentam propostas iniciais de diretrizes de projeto, focadas na preservação do patrimônio cultural, conduzindo à terceira seção, onde se discute o conceito de *patrimônio vivo*. Nesse contexto,

as memórias da Vila Izabel são interpretadas como expressões significativas da cultura de uma população, justificando sua salvaguarda.

Na seção *saberes e construção do quintal*, são apresentadas as formas de ocupação do território e os conhecimentos construtivos empregados pelos moradores da Vila Izabel, conectando essas práticas com suas heranças africanas como indicativos de referências tradicionais para o projeto. A análise detalhada das técnicas construtivas, dos materiais utilizados e das práticas culturais ligadas ao espaço doméstico revela uma rica tapeçaria de saberes ancestrais adaptados ao contexto local, evidenciando a resiliência e criatividade das comunidades afro-brasileiras na construção e manutenção de seus espaços.

Finalmente, a quarta seção expõe o *projeto*, resultado das leituras e discussões anteriormente mencionadas. São abordados aspectos como usos, acessos, materialidade, relações com o entorno, entre outras questões, além

das principais referências projetuais selecionadas. Este trabalho, portanto, contribui para a valorização e reconhecimento das influências africanas e afro-brasileiras na formação do patrimônio cultural e urbano do interior paulista, destacando a importância de uma abordagem decolonial na interpretação e preservação desses espaços. Ao trazer à tona as histórias e memórias ocultas de populações marginalizadas, este estudo busca não apenas preservar o patrimônio cultural, mas também promover uma reconfiguração das narrativas históricas e urbanísticas, ressaltando a importância da diversidade e da inclusão na construção das cidades brasileiras.

1

# INTRODUÇÃO



a terra é o meu quilombo, meu  
espaço é o meu quilombo.  
onde eu estou, eu estou, onde eu  
estou, eu sou.  
o quilombo é memória, que não  
acontece só pros negros, acontece  
pra nação.

**\_beatriz nascimento**

## DINÂMICAS DO TERRITÓRIO E SEUS CORPOS

A colonização europeia nas Américas implementou um modo peculiar de habitar a Terra, denominado por Ferdinand (2022) de habitar colonial, que se baseou em ações que delineiam fronteiras entre aqueles que habitam e os que não habitam. Para isso, subordinou territórios a um outro lugar a partir da apropriação da terra, de sua exploração comercial, do desbravamento intensivo da natureza, do massacre de homens e mulheres já habitantes desta terra e da exploração de não habitantes dela através do tráfico negreiro transatlântico. O habitar colonial é, portanto, uma visão exploratória, violenta e hierárquica, resultando em formas específicas de apropriação da terra, como o estabelecimento de *plantations* e práticas de escravidão.

Conforme Kopenawa e Albert (2019), a transformação do homem branco europeu em “povo da mercadoria” os distanciou dos “povos da floresta”. Essa transformação os levou à rejeição dos ensinamentos de seus antepassados, ao desejo exa-

cerbado de extração de recursos e à apropriação incessante de todas as terras. O colonizador se coloca em oposição aos modos de vida dos outros povos, se pautando na violência e extermínio como modo de sustentar seu projeto de mundo, um extermínio literal a partir do genocídio destes corpos, mas também pelo extermínio de suas culturas e religiões, do apagamento de seus conhecimentos, e seus modos de vida, em prol de um desenvolvimento que como afirma Nego Bispo (2023) desconecta o homem, se opondo ao envolvimento de povos que vivem em confluência.

Este modo de se relacionar com o território beneficiou os colonizadores, caracterizando-se como um imperialismo ecológico, socioeconômico, político e ontológico, impondo uma concepção singular da Terra e de seus existentes. O genocídio indígena resulta não apenas na perda de indivíduos, mas na interrupção de práticas culturais e agrícolas centradas nas Mães Terras. Ao mesmo tempo, o tráfico negreiro separou violentamente africanos de suas

terras familiares, e impediu de fazê-los na terra americana as mesmas relações que exerciam em África. (FERDINAND, 2022).

Nego Bispo (2023) compara colonizar a adestrar, pois o papel da colonização europeia nas Américas foi de desterritorializar o homem, retirando-lhe sua identidade, cosmologia e sagrado, impondo novos modos de vida e apagando uma memória para impor outra, tudo com a finalidade de transformá-los em trabalhadores, como uma forma de produzir objetos de estimação. Este autor observa que a cidade construída pelo projeto colonizador se opõe à natureza: “a cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos.” Ao se opor à natureza, o homem passa a temê-la, e essa cosmofovia gera uma série de problemas sociais e ambientais derivados da exploração capitalista, como a expropriação de terras, a exploração desnecessária de recursos naturais, a produção e acúmulo de lixo, e a desconexão do homem com seu sagrado.

Entretanto, as populações negras e indígenas também desenvolveram suas estratégias de existência e resistência, estabelecendo suas próprias relações com a natureza e os não humanos, suas tradições e modos de se representar no mundo. Estes modos de habitar o mundo inspiram o pensamento decolonial trabalhado por autores como Aníbal Quijano e Catherine Walsh, que trabalham para desfazer uma compreensão do poder, dos saberes e do ser, herdada da modernidade colonial e de suas categorias raciais, propondo um olhar aos espaços que foram reduzidos ao silêncio, demonizados e desvalorizados pela historiografia e pela política.

Quijano (2000) denomina colonialidade do poder o artifício de domínio e controle fundado na ideia de raça, constituída pela racionalidade do eurocentrismo. Tal colonialidade atua não somente no poder, mas principalmente no ser e no saber, ou seja, o fim das administrações coloniais não significou o fim da colonização. Deste modo, grupos subal-

ternizados com uma complexidade linguística, estética e cultural que ultrapassa os artifícios globais são vistos como “o outro”, ao que Catherine Walsh (2007) destaca que

“[...] ‘o reconhecimento de’ e ‘a tolerância’ aos outros que o paradigma multicultural promete, não apenas mantém a desigualdade social, mas deixa intacta a estrutura social e institucional que constrói, reproduz e mantém as desigualdades” (WALSH, 2007).

A solução para este problema reside em uma ação diferente das noções políticas que determinam “o outro”, ou seja, em uma decolonização epistêmica que recupere os saberes destes grupos historicamente subalternizados.

Neste sentido, se faz necessário compreender o território a partir da noção que ele não se constitui apenas de uma porção de terras localizadas no mapa, mas sobre quem tem poder sobre esses lugares, como os grupos que ali habitam e/ou habitaram imprimem suas identidades neste espaço, como seus corpos se relacionam com o território e exercem poder ou resistem a ele. Foucault (1977) explica como o corpo é afetado pelas relações de poder, sendo moldado, controlado e punido por elas, o corpo humano é munido de relações

de dominação pois está imbuído de forças de produção, o corpo só é útil economicamente se estiver sob controle das estruturas de poder.

Além disso, é fundamental destacar como a resistência e resiliência dos povos colonizados têm moldado não apenas suas próprias comunidades, mas também influenciado as políticas contemporâneas e os movimentos sociais globais. As estratégias de resistência desenvolvidas pelas populações indígenas e negras não se limitam à esfera local, mas reverberam em um contexto mais amplo, promovendo uma reconfiguração das narrativas históricas e uma revalorização das epistemologias marginalizadas.

Autores como Boaventura de Sousa Santos (2021) argumentam que é essencial reconhecer a “ecologia dos saberes”, uma abordagem que valoriza o conhecimento indígena e afrodescendente como formas legítimas e ricas de compreender o mundo. Essa perspectiva decolonial desafia a hegemonia do conhecimento eurocêntrico e abre espaço para a inclusão de diversas formas de conhecimento, promovendo um diálogo intercultural que é crucial para a construção de sociedades mais justas e equitativas.

Assim, este trabalho busca

compreender o território a partir do espaço em si, sua composição e interação com o mundo, mas também pelo corpo, ou seja, pelos modos de existir e reproduzir a vida impressos por aqueles que habitam o território. Não se trata apenas de produzir sentido a um lugar, mas de resgatar os sentidos subalternos de resistência dos corpos nos territórios suprimidos pela dominação colonial, buscando edificar e materializar as questões tradicionais e as resistências políticas e culturais destes corpos em relação a este lugar.



Jaider Esbell, *It Was Amazon*, 2016.

O extermínio nunca cessado da terra é representado pelo artista ao colocar o colonizador como alienígena, que pousa nas terras desmatadas para criação de gado.



Ailton Krenak, *Festa na Floresta*, 1998.

O artista representa a aliança entre os povos indígenas e a terra, seres humanos e seres do cosmo, festejando sua união.

banda da unidos de vila izabel. sem data.



o antigo escravo era alguém a ser afastado - e, junto com ele, as aparências de pobreza, de hábitos não "civilizados", de questões sociais graves -, por qualquer plano de remodelação da cidade, do espaço imediatamente visível.

\_muniz sodré

## URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E TERRITÓRIOS NEGROS

A história do Brasil é marcada por conflitos intensos entre a população negra africana, rica em saberes e tradições, e a população branca europeia exploradora, além dos povos nativos. Segundo Cunha (2019), a formação da cultura nacional diferiu significativamente para os africanos devido às opressões exercidas pelos portugueses, que suprimiram a cultura e tradição africanas. A urbanização brasileira no século XX manteve relações de poder herdadas do sistema escravista, adaptando-as ao pós-abolição, quando políticas desqualificaram as populações negras urbanas e reforçaram as estruturas de poder da população branca.

Na contemporaneidade, 85% da população brasileira vive em meio urbano, que se configura como locus de intensas e conflituosas relações sociais. A lógica urbanística e certas políticas públicas frequentemente ignoram a existência e particularidades da população negra, resultando em desqualificação social e marginalização espacial. Cunha (2019) observa que "os lugares da popu-

lação negra são lugares fora das ideias do pensamento urbanístico brasileiro por diversas razões e tem como consequência uma política pública de prejuízos sociais, econômicos, culturais, políticos e educacionais para esse grupo."

Neste contexto, surgem os bairros e cidades negros, descritos por Cunha (2019) como "áreas geográficas de existência de formas de vida da população negra, obstruídas e limitadas pelas estruturas do racismo estrutural antinegro." A cidade e seus bairros moldam tanto a identidade individual quanto a coletiva, porém sob a influência da tradição eurocêntrica, afastando os traços da cultura e tradição negra desde a abolição.

Abdias do Nascimento (2019) critica a construção do território brasileiro sobre violências, caracterizando-o como um "paternalismo benevolente tão luso-brasileiro cuja proclamada 'missão civilizadora' só tem contribuído para o esmagamento físico e cultural dos negros e dos índios em benefício da supremacia

arianizante." Muniz Sodré (2019) aponta que a "europeização" conferia status e criava distâncias em relação à população negra, tanto para a 'aristocracia' dos senhores de engenho quanto para a pequena burguesia urbana.

Sob esta ótica europeia, a urbanização brasileira formalizou uma dualidade entre centro e periferia, criando um "não lugar" caracterizado pela ausência de planejamento urbano e de equipamentos e espaços públicos. Nesses espaços, a população negra se concentra, recebendo nomes como cidade clandestina, cidade irregular, cidade informal, e cidade periférica, ilustrando a inclusão precária das populações negras na sociedade brasileira.

Chalhoub (2004) discute que as cidades brasileiras do pós-abolição eram marcadas pela notável presença negra, composta por trabalhadores e comerciantes anteriormente escravizados que habitavam espaços coletivos, como os cortiços. As políticas sanitaristas, justificadas pelas dificuldades higiênicas desses espaços e pelas epidemias, serviram de pretexto para remo-

ções sistemáticas dos negros dos centros urbanos para áreas periféricas desprovidas de serviços públicos. Assim, lugares como mocambos, arrabaldes, favelas, alagados e palafitas se tornaram sinônimos de áreas de maioria afrodescendente (Cunha, 2019).

Durante o processo abolicionista, milhares de imigrantes europeus, principalmente italianos, foram trazidos para substituir a mão de obra negra escravizada, promovendo um discurso progressista de que europeus civilizados ajudariam a desenvolver a nação e formulando uma teoria racial onde a população europeia, considerada etnicamente superior, iria branquear a população através da miscigenação.

As metas da política da república eram impor uma nação homogênea, moderna, no sentido europeu e sem antagonismos entre a população negra e branca, eliminando as marcas do passado do escravismo criminoso e ignorando os conflitos acumulados durante a sua existência, sem, contudo, fazer nenhuma concessão política, econômica ou social às "classes sociais" afrodescendentes herdeiras desfavorecidas do regime político passado. (CUNHA, 2019, p. 33).

Entre as muitas perseguições sofridas pelas populações negras, destaca-se a repressão e criminalização de suas tradições e cultura, frequentemente vistas como baderna, desordem, degeneração moral e atraso social pelas forças policiais. Essas perseguições incluíam práticas religiosas como Catimbó, Candomblé e Umbanda, além de formas de socialização como batuques, samba, pastoris, maracatus, bumba meu boi, marabaixo, maxambombas, mamulengos, teatro de rua e danças em salões.

Segundo Rolnik (1989), a presença africana foi sistematicamente excluída da cidade civilizada de maneira europeia, manifestando-se, por exemplo, em um código de posturas municipal (de São Paulo) de 1886 que proibia diversas práticas nos territórios negros da cidade. como as quituteiras, por "atrapalhar o trânsito"; a transferência dos mercados, pois "afrota a cultura e conspurcam a cidade"; os pais-de-santo não poderem trabalhar, pois são "embusteiros que fingem inspiração por algum ente sobrenatural."

No entanto, os negros não foram passivos nesses processos. Desde o período escravista, eles se organizavam em sociedades e irmandades que se consolidaram no pós-abolição, realizando ativi-

dades culturais e recreativas, publicações em jornais, produções literomusicais e teatrais, e eventos sociais. Eles foram os principais responsáveis pelo desmanche da escravidão e pela conquista de espaços no pós-abolição, mantendo vivas muitas tradições e traços culturais africanos que constituem uma base cultural significativa do país.

A luta pela educação foi uma das estratégias fundamentais dos afro-brasileiros no período pós-abolição. Escolas fundadas por e para negros no pós-abolição foram centros importantes de formação política e social, desenvolvendo uma consciência crítica em relação à sociedade brasileira. Essas iniciativas enfrentaram resistências significativas, mas foram cruciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para a promoção de lideranças afro-brasileiras no cenário político e cultural do país.

Nos séculos XX e XXI, os movimentos negros desempenharam um papel essencial na luta por direitos civis e reconhecimento cultural. A Frente Negra Brasileira, fundada na década de 1930, e o Movimento Negro Unificado, criado em 1978, são exemplos de organizações que lutaram contra a discriminação racial e pela igualdade de oportunidades. Esses movimentos impulsionaram a

criação de políticas afirmativas e contribuíram para o reconhecimento oficial de práticas culturais e religiosas afro-brasileiras, anteriormente marginalizadas.

Mapear e registrar as estratégias culturais e territoriais empreendidas por negros e negras após o fim do sistema escravista é fundamental. Frente aos projetos de exclusão e marginalização empreendidos pelo Estado e pela sociedade civil branca, esses indivíduos desenvolveram variadas estratégias de resistência. Nas Américas, onde foram escravizados, eles se apropriaram de parcelas dos territórios urbanos e rurais para construir seus espaços de morar, manifestando suas crenças, tradições e práticas culturais. Esses territórios, consolidados como quilombos, proporcionaram subsistência, proteção e ensinamentos religiosos e culturais.



Augustus Earle, "Negros lutando, Brasil", s/d.

Forças policiais interrompem práticas de capoeira por ferir o código de posturas.

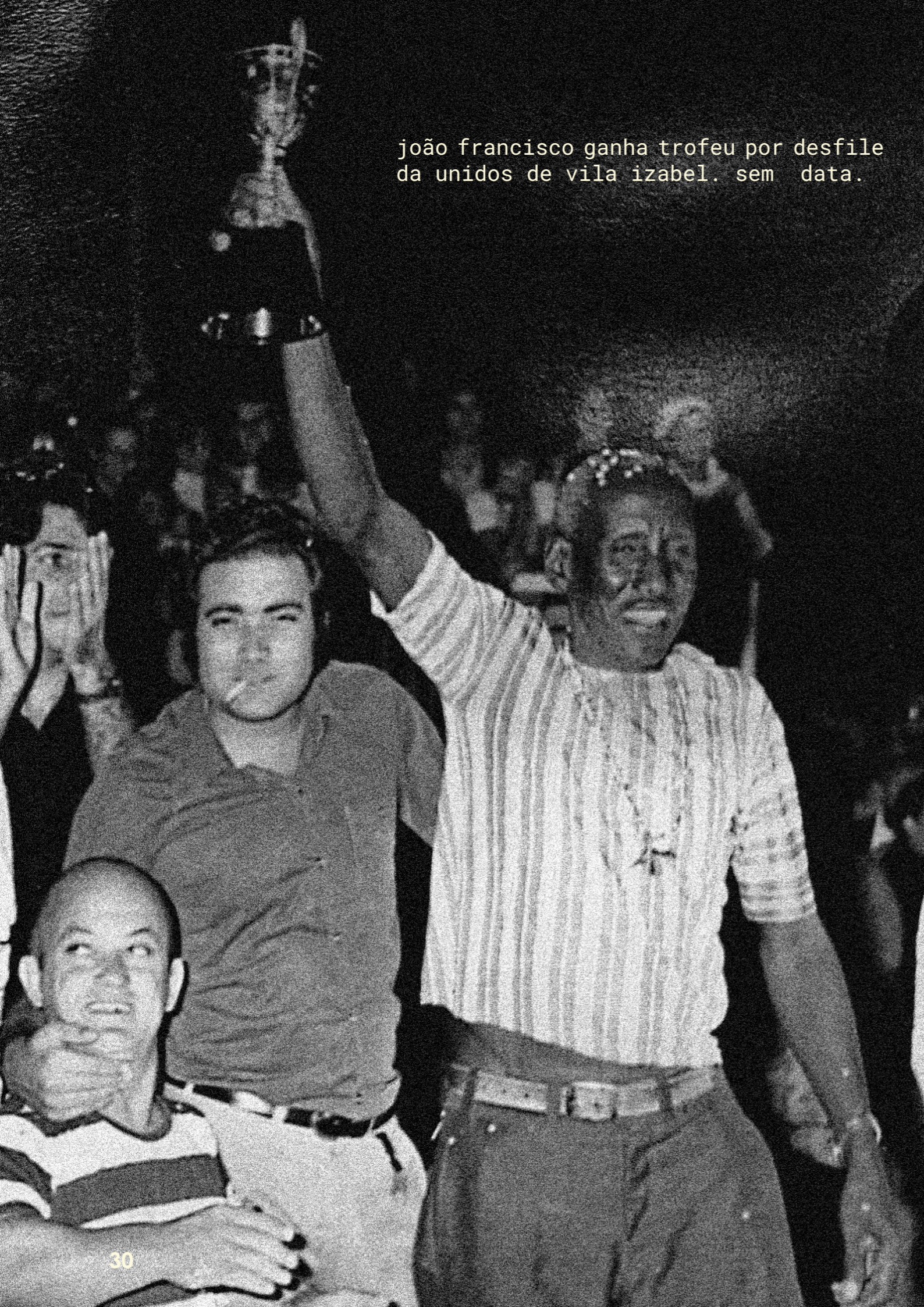


Cabeça de Porco, 1906.

O maior cortiço de sua época, destruído pelo poder público com o intuito de "urbanizar" a cidade do Rio de Janeiro. Assim como em outras partes do Brasil, a população pobre e majoritariamente negra foi expulsa para as periferias.

2

A VILA IZABEL



joão francisco ganha trofeu por desfile  
da unidos de vila izabel. sem data.

foi bom te ver outra vez  
tá fazendo um ano  
foi no carnaval que passou  
eu sou aquele pierrô  
que te abraçou  
que te beijou, meu amor  
a mesma máscara negra  
que esconde o teu rosto  
eu quero matar a saudade  
vou beijar-te agora  
não me leve a mal  
hoje é carnaval

\_dalva de oliveira

## MEMÓRIAS DA VILA IZABEL

No século XIX, o município de São Carlos, assim como outros do Oeste Paulista, sustentava sua economia na produção cafeeira, que dependia fortemente da mão de obra escravizada de origem africana. Costa (1998) destaca que mesmo após o fim do tráfico transatlântico e o surgimento de outras formas de trabalho, a maioria das fazendas na região continuou a utilizar escravos como sua principal força de trabalho. Em São Carlos, conforme indicado pela "Apuração Geral da População Escrava da Província de São Paulo", o número de escravizados aumentou de 1568 em 1874 para 3725 em 1885 (Oliveira, 2015).

Após a abolição da escravatura, esses indivíduos libertos enfrentaram diariamente as barreiras das políticas sociais, econômicas e culturais discriminatórias impostas à população negra. Embora não seja possível determinar com precisão quantos negros permaneceram no campo ou migraram para áreas urbanas imediatamente após a abolição em São Carlos, o Recenseamento

Populacional de 1907 revela que aproximadamente 12% da população da cidade era de origem africana. Este baixo percentual em relação à população branca pode ser atribuído, de acordo com Walter Fraga Filho (2006), a dois principais fatores: o retorno desses indivíduos às suas terras de origem, onde poderiam reunir-se com familiares dos quais foram separados durante o tráfico interprovincial, e o estímulo estatal à imigração europeia como substituição da mão de obra negra, em consonância com o projeto de branqueamento da população (Oliveira, 2015).

Dos negros residentes em São Carlos, cerca de 72% viviam em áreas rurais. Isso pode ser explicado, conforme apontado por Mattos (1987), pela busca pela manutenção dos laços familiares, o cumprimento de acordos trabalhistas, o acesso à moradia e a pequenas parcelas de terra para agricultura e criação de animais, usadas tanto para subsistência quanto para comércio. Enquanto isso, a cidade já começava a apresentar loteamentos mais po-

pulares, distantes e distintos das áreas ocupadas pela elite local, especialmente nos arredores da igreja matriz, onde majestosas residências dos barões do café combinavam elementos rurais e urbanos (Bortolucci, 1991).

Segundo Oliveira (2018), após a abolição, foram estabelecidos os bairros Vila Nery, Pureza e Izabel para as classes mais pobres, nos quais a população negra representava uma parcela significativa, provavelmente como resposta ao receio das elites em relação a uma possível migração em massa dos libertos para áreas urbanas. Estes bairros periféricos foram criados para evitar a ocupação da região central pela população negra, conforme observado no Recenseamento de 1907.

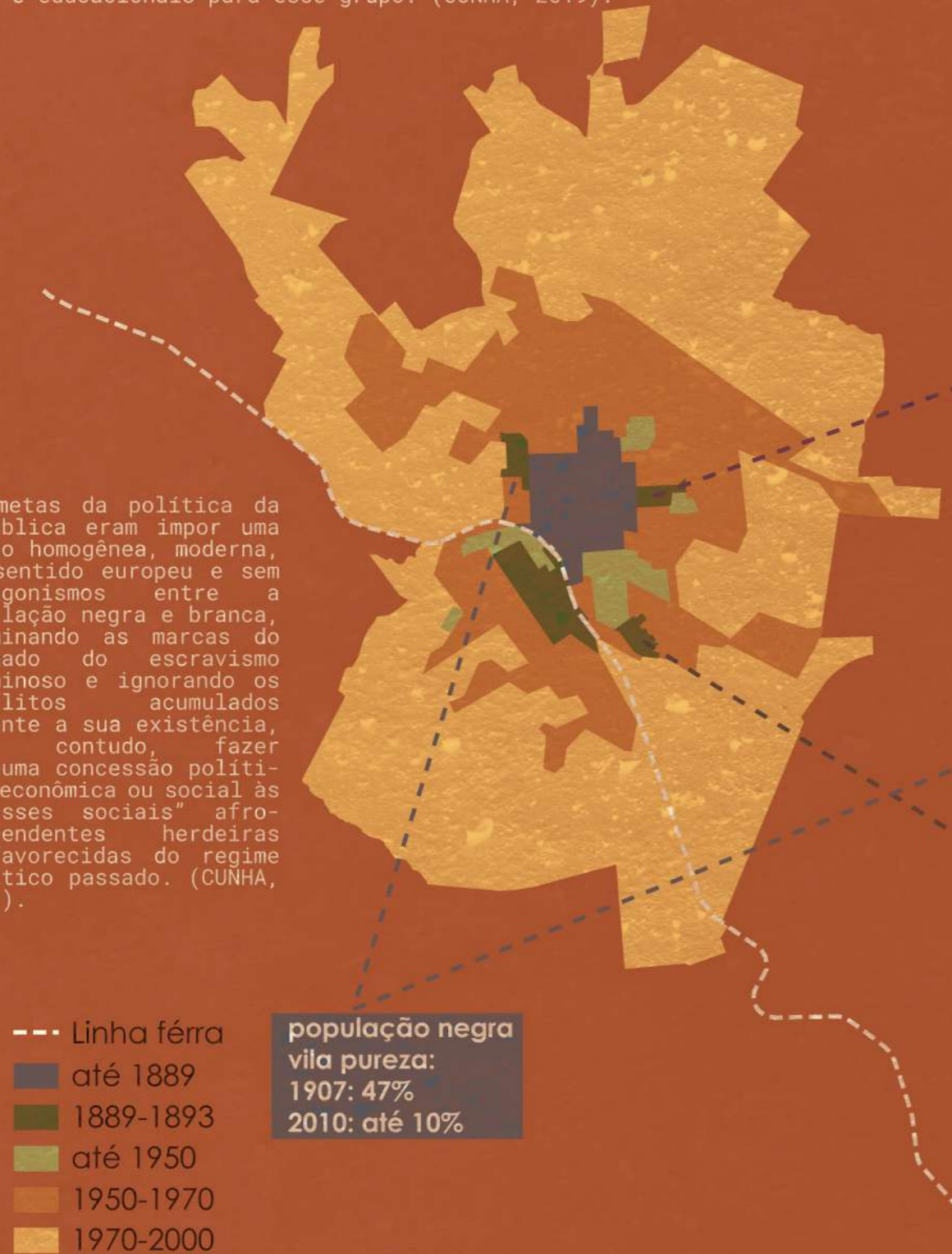
Ao longo do século XX, a expansão urbana de São Carlos atingiu os bairros Vila Pureza e Vila Nery, tornando-os parte do centro expandido da cidade, enquanto apenas Vila Izabel permaneceu na periferia. Nestes bairros, observa-se uma diminuição significativa da população negra devido a

fatores como o aumento do custo de vida em decorrência das mudanças urbanas. No entanto, Vila Izabel, apesar de também ter sido afetada por esse processo e pela proximidade com uma área industrial em expansão, manteve uma proporção relativamente alta de população negra, como observado nas cartografias abaixo.

## MAPA 1 EXPANSÃO URBANA EM SÃO CARLOS

os lugares da população negra são lugares fora das ideias do pensamento urbanístico brasileiro por diversas razões e tem como consequência uma política pública de prejuízos sociais, econômicos, culturais, políticos e educacionais para esse grupo. (CUNHA, 2019).

as metas da política da república eram impor uma nação homogênea, moderna, no sentido europeu e sem antagonismos entre a população negra e branca, eliminando as marcas do passado do escravismo criminoso e ignorando os conflitos acumulados durante a sua existência, sem, contudo, fazer nenhuma concessão política, econômica ou social às "classes sociais" afrodescendentes herdeiras desfavorecidas do regime político passado. (CUNHA, 2019).



## MAPA 2 POPULAÇÃO AUTODECLARADA PRETA E PARDA EM SÃO CARLOS



As terras da Vila Izabel foram loteadas por Casimiro Guimarães, fazendeiro local, com o propósito de estabelecer um novo bairro e construir a capela de Santa Isabel. Essas terras, como evidenciado por Costa (2012), foram cedidas aos moradores, o que reforça a relação de dependência entre o proprietário e a comunidade negra, em vez de conceder-lhes verdadeira autonomia. A construção da igreja foi uma exigência do proprietário como cumprimento de uma promessa feita à santa portuguesa em gratidão pela proteção durante a viagem de Portugal ao Brasil. Embora inicialmente pouco utilizada pelos moradores, a capela tornou-se mais significativa após a chegada do padre Tombolato em 1961 (Costa, 2012).

O desenvolvimento da Vila Izabel, ao longo dos anos, foi amplamente influenciado pela figura de João Francisco, filho dos ex-escravizados Julia Rafael Francisco e Rafael Francisco, dois dos primeiros moradores do bairro. João Francisco, devido ao seu envolvimento político, conseguiu realizar negociações e organizar comícios com candidatos da cidade, promovendo melhorias significativas para a região, como a pavimentação das ruas e a instalação de sistemas de água, esgoto e energia elétrica.

A residência de João Francisco estava localizada no final da Rua Santa Gertrudes. Inicialmente, era uma casa de barro construída pelos seus pais, mas foi posteriormente substituída por uma construção de alvenaria. No mesmo lote, foram construídas as casas de duas de suas filhas, utilizando tijolo assentado com terra. O quintal compartilhado pela família era um espaço de convivência e cultivo de plantas, além de ser um local de recepção para movimentos culturais organizados por João Francisco. Ele esteve ativamente envolvido na organização do carnaval através da escola de samba Unidos de Vila Izabel, além de outras entidades como o grupo musical Enfezados da Garoa, o Conjunto de Ritmos João Francisco, a banda Nossa Orquestra, o Clube Aliança, a Sociedade Amigos do Bairro Vila Izabel e a Associação Folclórica e Recreativa de Vila Izabel.

Conforme relatos de moradores locais, não há consenso sobre a origem do nome do bairro, embora a teoria mais aceita seja que deriva do nome da santa que batiza a igreja local, Santa Isabel de Portugal. Mesmo que a santa seja grafada com "S", o nome do bairro é grafado com "Z". Inicialmente, o bairro possuía apenas quatro ruas principais, conhecidas como Rua de Baixo, Rua

do Meio e Rua de Cima, que correspondem, respectivamente, às ruas Santa Clotilde, Santa Isabel e Santa Filomena. A Rua Santa Gertrudes, mais baixa no bairro, era conhecida como "Samba". As ruas perpendiculares eram chamadas simplesmente de Travessas e hoje possuem nomes de padres (Carvalho, 2014).

Para compreender o bairro em suas múltiplas camadas de desdobramentos, foram realizados estudos de campo que envolveram observação direta e diálogos espontâneos com moradores. Estas interações permitiram a interpretação das necessidades do bairro e revelaram informações valiosas. Uma entrevista com Maribia Oliveira, moradora local, e outra com Julia Nascimento, filha de João Francisco, forneceram uma compreensão aprofundada das atividades artístico-culturais e políticas desempenhadas no bairro, em seu espaço de morar, no seu quintal, e em prol do bairro.

Observações iniciais do campo revelaram uma transição notável desde a rotatória da Praça Itália até a entrada do bairro pela Av. Getúlio Vargas, que passa de grandes edifícios comerciais e atacadistas para um bairro de periferia. As casas variam em estilo do final do século XIX até todas as décadas do século XX, apre-

sentando fachadas diversificadas e coloridas. As calçadas são estreitas e mal pavimentadas, com poucos pontos de ônibus, os quais são sinalizados apenas por placas simples, sem qualquer abrigo.

Mais ao fundo do bairro, na extremidade mais distante da Praça Itália, as casas tornam-se mais irregulares, construídas com tábuas e materiais reaproveitados, em lotes maiores compartilhados por mais de uma edificação e com quintais extensos, ocupados por plantas e animais. Informações cruzadas sugerem que esta área se assemelha às construções do bairro em seu período inicial. Contudo, no imaginário coletivo dos moradores, essa parte é conhecida como "favelinha", refletindo um certo cuidado com essa área e também com o CDHU nas imediações da Vila Izabel, que possui maior vulnerabilidade e uma Unidade da Saúde da Família que realiza um importante trabalho social com crianças e adolescentes.

Outro fator observado foi a vasta ocupação do espaço das ruas e calçadas pelas pessoas, que frequentemente se sentam no meio-fio ou em banquinhos em frente às suas casas. Crianças brincam na rua e alguns bares têm seu público também ocupando a calçada. Isso pode indicar uma forte tradição de vizinhança, mas

também revela a falta de espaços públicos adequados para estar e socialização.

O bairro é permeado por grandes indústrias e galpões. Relatos indicam que qualquer lote colocado à venda é rapidamente adquirido por essas empresas, levantando preocupações sobre o futuro do bairro em competição com tais empreendimentos. Além disso, há uma série de galpões e terrenos baldios utilizados para a coleta de materiais recicláveis, como madeira, metal e plástico.

Em relação aos equipamentos públicos na Vila Izabel e suas imediações, foram observados uma escola e duas creches públicas, uma escola particular (SESI), uma Unidade Básica de Saúde, um ambulatório oncológico, um ginásio de esportes, um campinho de futebol e um centro comunitário para idosos. De acordo com a entrevista com Mari-bia, os moradores da Vila Izabel têm pouco acesso ao Sesi e ao Centro de Referência ao Idoso Vera Lucia Pilla. Esses são os únicos equipamentos que oferecem algum uso cultural, mas são instituições privadas voltadas para a população de classe média dos bairros vizinhos.

Quanto aos espaços livres, todos os terrenos identificados pela prefeitura como "espaços livres e públicos" dentro do bairro

são, na realidade, terrenos baldios. Ao sul do bairro, há um terreno com duas quadras esportivas sem espaços de estar, e ao norte, do outro lado da Av. Getúlio Vargas, existe uma praça, uma praçinha e um terreno de uso cívico onde ocorrem eventos temporários da cidade, como circos e parques, além de uma pequena horta comunitária. No entanto, devido à distância e à separação pela avenida, esses espaços são pouco frequentados pelos moradores da Vila Izabel. A capacidade, localização e características dos equipamentos públicos e espaços livres estão detalhados nas cartografias abaixo.

### MAPA 3 ESPAÇOS LIVRES E PÚBLICOS



num raio de dois quilômetros há apenas uma praça, uma praçinha e duas quadras, todas pouco qualificadas

## MAPA 4 EQUIPAMENTOS URBANOS VILA IZABEL



PAD, CEME E AMBULATÓRIO ONCOLÓGICO

CENTRO DE REFERÊNCIA DO IDOSO VERA LUCIA PILLA



\_atende cerca de 200 idosos  
\_não possui profissionais da saúde  
\_antigo bangu



\_atende 19 bairros  
\_recém reformada  
\_atendimento não emergencial

UBS VILA IZABEL

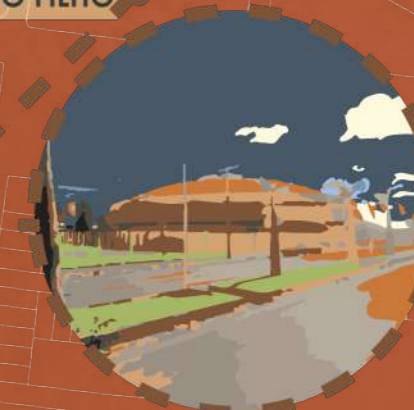
EE PROF. ANTONIO ADOLFO LOBBE



\_creche aprox. 36 alunos  
\_pré-escola aprox. 128 alunos  
\_9 salas de aula

CEMEI JOÃO JORGE MARMORATO  
PARÓQUIA SANTA ISABEL DE PORTUGAL  
CRECHE DA DIVINA PROVIDÊNCIA

GINÁSIO MUNICIPAL MILTON OLAIO FILHO



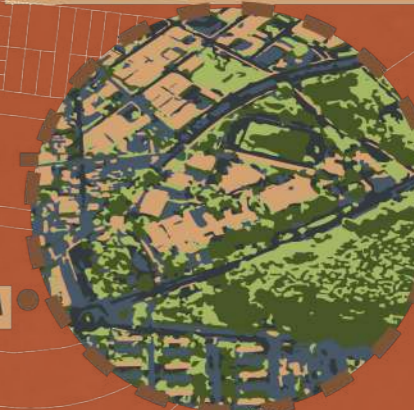
\_eventos esportivos e espetáculos  
\_capacidade de 8 mil espectadores  
\_usos emergenciais



\_mais de 100 crianças até 6 anos  
\_fundada em 1966  
\_busca diminuir o "risco social"

SESI

CAMPO FUTEBOL ALVARO ZUIM



\_atende cerca de 500 alunos  
\_pouco acesso dos moradores  
da Vila Izabel

Apesar da alta vulnerabilidade, o bairro de Vila Izabel é provido de poucas políticas públicas e equipamentos adequados. A igreja de Santa Isabel desempenha um papel importante como espaço de encontro para os moradores, gerando uma contradição: ao mesmo tempo em que é fundamental para a cultura e sociabilidade local, promove um discurso que exclui outros aspectos da cultura afrodescendente do bairro, incluindo suas religiões e práticas culturais. A creche administrada por freiras e vinculada à igreja desempenha um papel crucial na saúde e desenvolvimento das crianças, mas não utiliza seu espaço para outras atividades assistenciais, educacionais ou políticas para a comunidade.

Em frente à igreja, há um grande lote parcialmente de domínio público e parcialmente pertencente à própria igreja. Houve um projeto não desenvolvido para a construção de uma nova igreja nesse local, que permanece vazio. Este terreno está situado no "coração" do bairro, próximo à circulação da maioria dos habitantes e em frente a dois espaços de grande concentração diária de pessoas: a igreja e a escola Prof. Antonio Adolfo Lobbe. No terreno, há um pequeno parquinho e algumas árvores

bem desenvolvidas. Uma delas, um abacateiro, marca a divisa entre o bem público e o bem dominical, servindo como um marco referencial coletivo, com os moradores referindo-se a ele como o "lado de cá" e o "lado de lá" do abacateiro.

A fonte oral adicionou uma dimensão viva às interpretações do bairro, trazendo novas perspectivas e possibilidades a partir de memórias do passado em que o bairro possuía um dinamismo cultural através da figura de João Francisco. As memórias compartilhadas por Julia Nascimento não são apenas lembranças individuais, mas representam as recordações de uma mulher inserida em um contexto social específico. Como afirmado por Maurice Halbwachs (2004), toda memória é coletiva, constituindo um elemento essencial da identidade e da percepção de si e dos outros.

Os registros orais permitem indicar, referenciar e sistematizar tais memórias, uma prática antiga e intimamente ligada à tradição africana. Segundo Hampaté Bâ (2010), na tradição africana, a fala é mais do que simples comunicação, é uma força criativa que molda a realidade e possui um poder significativo sobre a vida e o destino das pessoas. Diante do risco de perda gradual das tradições orais devido à ur-

banização e ao enfraquecimento da transmissão intergeracional, Bâ enfatiza a urgência de coletar e preservar essas tradições antes que seus últimos depositários desapareçam.

De acordo com Vansina (2010), enquanto um documento escrito é um objeto definido, um testemunho oral pode variar dependendo do narrador, podendo ser interrompido, corrigido ou recomeçado. A definição de tradição oral é desafiadora devido a essa natureza fluida, cabendo ao pesquisador interpretar as tradições, distinguindo entre elementos mitológicos e históricos.

*A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (BOKAR, T. apud Bâ, H., 2010)*

Assim sendo, conversamos com Julia Nascimento, filha de João Francisco, nascida na Vila Izabel em 1938, onde permaneceu por quase 60 anos, saindo apenas recentemente por questões familiares. Segundo ela, o bairro era bastante pequeno, sendo a casa de sua família a última do bairro. Ela se recorda da antiga casa de taipa-de-mão e da casa de tijolo onde morou,

ambas em um quintal compartilhado. Nesse quintal, seu pai estabeleceu um terreiro de Umbanda, onde recebia moradores para realizar coletivamente as tradições religiosas, sociabilidades e festas. Além deste terreiro, havia outro na extremidade oposta do bairro. Em sua casa também eram realizados comícios organizados pelo pai, que recebia tanto políticos da cidade quanto moradores do bairro para discutir e reivindicar melhorias.

Ela relata que, desde que se lembra, seu pai já liderava a escola de samba Unidos da Vila Izabel, onde ela cantava. A escola se organizava no quintal da família, em um barracão construído por João Francisco, que angariava recursos públicos para financiar fantasias e alegorias para os eventos. O cortejo de carnaval se organizava em um desfile ornamentado e musical, partindo da casa de João Francisco em direção à Praça Itália e subindo a Av. São Carlos, a principal avenida da cidade, até o centro.

João Francisco foi membro fundador do Clube Aliança, onde levou o carnaval. Sua escola de samba competia com a Escola de Samba Odette dos Santos, organizada pelo histórico clube negro de São Carlos, o Flor de Maio. Apesar dessa rivalidade amistosa, João participava de eventos

maiores relacionados à comunidade negra no Flor de Maio, um ponto de encontro importante para essa comunidade.

João Francisco também coordenava atividades artístico-culturais ligadas à igreja católica, como teatros em datas especiais, atividades educativas para crianças, apresentações culturais como teatro de palhaços e marionetes, além de organizar bandas musicais e grupos de capoeira, cujos ensaios ocorriam no barracão de seu quintal. Julia lembra que, além das atividades culturais organizadas pelo pai, era comum que os moradores da Vila Izabel se deslocassem para o centro para participar de bailes, shows em clubes e sessões de cinema.

Julia se recorda com saudade dos tempos gloriosos vividos no bairro junto a familiares e amigos, destacando que, apesar das grandes dificuldades, os vínculos afetivos e atividades culturais davam um sentido para a vida. Ela lamenta que, após a morte do pai e devido a fatores externos, políticos, econômicos e sociais, o bairro perdeu sua força político-cultural, desconectando as gerações mais novas da história do próprio bairro.

A seguir, apresentamos duas cartografias. A primeira, baseada na entrevista com Ju-

lia, remonta as atividades artístico-culturais passadas do bairro, principalmente o carnaval, simulando o trajeto original do cortejo liderado por João Francisco, premiado pelo desempenho de sua escola de samba, com Julia cantando. A cartografia também apresenta outras memórias do bairro, como os samba-enredo cantados, os nomes originais das ruas, a influência da igreja e o abacateiro da praça.

A segunda cartografia apresenta uma série de organizações negras em São Carlos que exerceram e/ou exercem atividades políticas, sociais e culturais na cidade. É notável a ausência desses espaços na Vila Izabel e seus arredores, exceto pela Associação Folclórica e Recreativa de Vila Izabel, outra organização coordenada por João Francisco em sua casa, que não mais existe. Apesar da concentração de espaços no centro, especialmente o Flor de Maio, destaca-se que o deslocamento dos moradores da periferia para esses espaços é pontual e pouco recorrente, explicitando a necessidade de espaços culturais mais próximos.

Em diálogo com o movimento negro local, compreendeu-se que, embora o Flor de Maio forneça espaço para debates mais amplos da causa racial e o Centro Municipal de Cultura

Afro-Brasileira seja a instância oficial para este debate, é necessário que esses espaços também se configurem nas periferias, onde se concentra a maior parte da população negra. Isso facilitaria a participação em debates sobre demandas específicas, que posteriormente se combinariam nesses espaços de alcance municipal.



Comício realizado na casa de João Francisco.



O carnaval da Vila Izabel. Fotos fornecidas por Julia Nascimento.

**MAPA 5**  
**CARTOGRAFIA AFETIVA**



Um canto de revolta pelos ares  
 No Quilombo dos Palmares  
 Onde se refugiou  
 Fora a luta dos Inconfidentes  
 Pela quebra das correntes  
 Nada adiantou  
 E de guerra em paz  
 De paz em guerra  
 Todo o povo dessa terra  
 Quando pode cantar  
 Canta de dor

Da cor do azeviche, da jabuticaba  
 Boneca de piche, é tu que me acaba  
 Sou preto e meu gosto  
 Ninguém me contesta  
 Mas há muito branco com pinta na testa

samba  
 rua santa gertrudes  
 travessas



rua de baixo  
 rua santa clotilde



rua do meio  
 rua santa isabel



rua de cima  
 rua santa filomena

Foi bom te ver outra vez  
 Tá fazendo um ano  
 Foi no carnaval que passou  
 Eu sou aquele pierrô  
 Que te abraçou  
 Que te beijou, meu amor  
 A mesma máscara negra  
 Que esconde o teu rosto  
 Eu quero matar a saudade  
 Vou beijar-te agora  
 Não me leve a mal  
 Hoje é carnaval



música



teatro



capoeira

## MAPA 6 ORGANIZAÇÕES NEGRAS EM SÃO CARLOS



Com base nestas análises realizadas no bairro de Vila Izabel, se desenvolveu as diretrizes gerais para o bairro no sentido de angariar melhorias para sua população de acordo com suas próprias demandas. Uma das diretrizes consiste na utilização do terreno em frente à igreja mapeado como "coração" do bairro para consituição de um projeto arquitetônico que possibilite o resgate às memórias e práticas culturais exercidas em outros momentos no bairro, além de um espaço para o desenvolvimento de expressões contemporâneas ao bairro, promoção de melhorias sociais para a população do bairro, a criação de um espaço de organização política e social de Vila Izabel, e a qualificação da única praça presente no bairro, justamente neste terreno.

# VILA IZABEL CARACTERIZAÇÃO



fachadas coloridas na vila izabel. fonte: acervo da disciplina linguagem da arquitetura e da cidade II, IAUUSP, 2022.

**MAPA 7**  
LOCALIZAÇÃO DA VILA IZABEL



**MAPA 8**  
DIRETRIZES GERAIS

- "Coração" do bairro, área central na circulação do bairro em frente a áreas de interesse como a igreja e a escola.
- Única praça no bairro, pouco qualificada.
- Promover usos relacionados ao pertencimento no bairro
- Terreno cívico com eventuais usos como parques e circos.
- Presença de uma pequena horta comunitária.
- Promover os usos já presentes no terreno, qualificar como praça e crescer a horta.
- Presença de muitos terrenos de coleta de materiais recicláveis nesta região, como madeira, metal e plástico.
- Promover um espaço adequado de coleta e processamento de recicláveis.
- Travessia da escola perigosa e em desuso.
- Criar uma nova travessia mais atrativa, como uma passarela.

- Av. Getúlio Vargas como barreira limítrofe da Vila Izabel com grandes lojas que tornam a avenida fora de horário comercial vazia e insegura.
- Promover passagens mais seguras para os pedestres e usos noturnos que tragam maior permeabilidade e segurança
- Atuais linhas de ônibus insuficientes e pontos de ônibus não apropriados (maioria não existe fisicamente, quando existe são abrigos pouco funcionais).
- Promover melhorias do transporte público, com passagem pela rua principal próxima ao projeto, além de pontos de ônibus com maior conforto.
- Circuito artístico de identificação das memórias do bairro, em especial do carnaval de rua. Cada ponto está estrategicamente localizado em um ponto focal de memória do bairro: quintal do João Francisco, abacateiro, igreja, terreno cívico e praça Itália. A ideia é que o circuito crie um percurso que traga a tona o imaginário sobre as memórias do bairro, podendo ser retroalimentado.

# 3 O PATRIMÔNIO DO QUINTAL



quando não souberes para onde ir,  
olha para trás e saiba pelo menos de onde vens

\_provérbio africano

## O PATRIMÔNIO VIVO

A temática da cultura e memória da população negra na Vila Izabel tornou-se protagonista deste trabalho, orientando o principal eixo do projeto ao buscar simbolismos e identidades em sua concepção. Para isso, algumas considerações são necessárias: primeiro, sobre a cultura da diáspora no Brasil e, segundo, sobre as ideias de memória coletiva no sentido de recuperação de tais expressões culturais.

Segundo Weimer (2014), os povos africanos com maior presença no Brasil pertenciam às linhagens bantu e sudanesa, com destaque especial aos bantos, que chegaram primeiro e em maior número. Foram eles os responsáveis pela reconstrução do modelo africano de "quilombo", derivado de "kilombo", uma instituição sociopolítica e militar que no Brasil se tornou uma forma de sujeitos escravizados e livres se oporem à estrutura escravocrata, implementando outra estrutura política e territorial.

Entre as diversas contribuições materiais e imateriais dos bantos, Munanga (2009) desta-

ca as vastas contribuições para a língua portuguesa falada no Brasil, cujo vocabulário inclui muitas palavras de origem bantu, como bunda, quitanda, caçula, marimbondo, quiabo, jiló e cachimbo. Além disso, a contribuição religiosa com o candomblé da Bahia espalhou-se por todo o território nacional. Na cultura material, os bantos e sudaneses deixaram legados como instrumentos musicais (tambores de jongo, ingono ou ingomba, zambé, cuíca e urucungo), esculturas (figas de madeira e objetos de ferro) e técnicas na mineração (bateia). Elementos culturais bantu estão presentes em diversas manifestações culturais brasileiras, como congos, quilombos, coco, jongo, maculelê, maracatu, bumba-meu-boi e capoeira, destacando-se especialmente o samba, um dos gêneros musicais mais conhecidos e que constitui uma faceta importante da identidade cultural brasileira. Weimer (2014) ressalta que, na arquitetura, a imigração forçada de negros africanos simplificou as tipologias habitacionais africanas, mas vários aspectos dos cos-

tumes resistiram, principalmente os relacionados às atividades ao ar livre e ao emprego da taipa.

Apesar da liberdade conquistada no pós-abolição, os afrodescendentes enfrentaram novos desafios tanto no meio rural quanto urbano. As estratégias de poder escravista se transformaram para marginalizar e apagar a presença negra. No entanto, a resistência urbana negra emergiu como uma ferramenta crucial para preservar e fortalecer suas instituições culturais. Este período se tornou um campo contínuo de investigação, revelando que as lutas sociais dos negros perduram até hoje e que esses indivíduos buscaram incessantemente formas de manter suas diversas instituições culturais.

A influência da diáspora africana nas artes brasileiras é profunda e multifacetada. Na música, o samba, o maracatu e o afoxé exemplificam como ritmos africanos foram adaptados e transformados no Brasil. Na literatura, escritores como Machado de Assis e Lima Barreto integraram perspectivas afro-brasileiras em

suas obras, questionando a sociedade escravocrata e pós-abolicionista. No cinema e no teatro, produções contemporâneas continuam a explorar e celebrar a herança africana, destacando narrativas afro-brasileiras.

A criação de espaços de memória, como o Museu Afro Brasil em São Paulo, visa promover o reconhecimento e valorização da contribuição africana para a formação da identidade brasileira. Essas iniciativas são passos importantes para a inclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As mulheres negras desempenham um papel central na preservação e transmissão das culturas afro-brasileiras. Figuras como Tia Ciata, uma das matriarcas do samba, e Mãe Menininha do Gantois, uma das mais respeitadas ialorixás do Candomblé, exemplificam a liderança feminina nas comunidades afro-brasileiras. Além disso, movimentos feministas negros contemporâneos têm sido fundamentais na luta por igualdade de gênero e raça, destacando questões como vio-

lência doméstica, saúde reprodutiva e empoderamento econômico.

Sob o contexto da diáspora africana, novas perspectivas são evidenciadas, pois o desprendimento do território e a perda da terra e da comunidade como extensão física e material tensionam o corpo como principal instrumento documental e de resistência. Através dele, o indivíduo negro manifesta suas instituições culturais, celebra sua ligação com as heranças africanas e transmite a memória coletiva. Nesse sentido, assim como o corpo negro se conforma como testemunho de suas heranças e culturas, transmitidas pela oralidade, o chão se apresenta como territorialização da memória e convergência entre espaço e identidade. Na matriz africana, a relação com a terra vai além de sua configuração física e integra a dimensão do sagrado: torna-se objeto de concretização da resistência material e simbólica.

A reconstrução da história e da identidade afro-brasileira é um processo contínuo que envolve a revisão crítica dos currículos escolares e acadêmicos para incluir a contribuição africana na formação do Brasil. Pesquisadores e ativistas trabalham para desenterrar e valorizar narrativas históricas suprimidas, promovendo

uma compreensão mais completa e inclusiva da história nacional. Este esforço é essencial para a construção de uma identidade nacional que reconheça e celebre a diversidade étnica e cultural do país.

É importante esclarecer que, apesar das ricas memórias encontradas, este trabalho não propõe um resgate de uma cultura historicamente potente no bairro e agora latente, mas sim a proposição da possibilidade de estruturação, educação, assistência e organização para que os potenciais de Vila Izabel e de sua história possam resgatar sua cultura de uma forma diferente, configurada em um contexto social distinto daquele anterior, mas que o carrega em seu bojo.

Isso porque, conforme afirma Stuart Hall (1997), não existe cultura fixa e imutável, pois ela se dá a partir de significados compartilhados, que são afetados por diversas questões, como pela disputa de poder e controle sobre as culturas. Estas nos posicionam enquanto sujeitos, determinando quem somos e quem podemos ser. Cada categoria social à qual pertencemos influencia não apenas a forma como as pessoas são vistas pela sociedade, mas também suas oportunidades, privilégios e acesso a recursos.

Hall (2015) também desta-

ca que raça se assemelha mais a uma linguagem do que à biologia, argumentando que seu significado é relacional e não essencial, sujeito a constantes redefinições em diferentes contextos culturais e históricos. Assim, uma importante contribuição do pensamento de Hall para o estudo das identidades negras é a desnaturalização e historicização do conceito de raça, compreendendo-o como uma categoria social e culturalmente produzida, moldada por lutas políticas específicas de diferentes movimentos sociais. As noções de raça e etnia devem ser entendidas dentro de estruturas de representações permeadas por relações de poder, como algo dinâmico e alternativo à concepção essencialista de raça.

A partir dos anos 1990, Hall (1996) questiona tanto a ideia de diáspora quanto a noção de identidade. Para Hall, o que está em jogo na diáspora africana não é uma volta às origens, a uma "África" original, que "não se encontra mais lá, que já foi muito transformada", mas o retorno "por uma outra estrada: o que a África se tornou no Novo Mundo, o que nós fizemos da África – como a recontamos através da política, da memória e do desejo". Essas reflexões de Hall têm relevância para a história afro-bra-

sileira ao promover uma reflexão sobre as reinvenções da África e como os afro-brasileiros têm reinterpretado e atribuído novos significados à África a partir do contexto brasileiro.

Hall destaca que as identidades negras brasileiras possuem pontos de similaridade em relação à sua matriz africana, mas também pontos de diferença, moldados pela intervenção da história. Ele enfatiza a importância de entender as identidades culturais negras como históricas e em constante transformação, nunca fixas em um passado essencializado, mas sim sujeitas ao jogo contínuo da história, da cultura e do poder. Essa abordagem contribui para pensar as identidades negras como uma construção cultural em constante processo de transformação. Hall destaca que a experiência negra na diáspora é caracterizada pela diversidade, heterogeneidade e por uma estética diaspórica que envolve cruzamentos, misturas e hibridações culturais em constante processo de reconfiguração. Para ele, as identidades negras diaspóricas não são definidas por pureza ou essência, mas sim pela diversidade e heterogeneidade. Essa compreensão ressalta a importância de considerar os intercâmbios e trocas culturais na experiência negra brasileira, indo

além das referências historiográficas tradicionais e reconhecendo a pluriculturalidade do país. Essa perspectiva contribui para uma análise mais ampla e dinâmica das identidades e culturas negras no Brasil.

Discutindo o contexto brasileiro em relação às questões étnico-raciais, podemos observar que no final do século XX e início do XXI houve uma mudança significativa no debate e nas políticas públicas relacionadas à população afrodescendente no Brasil, marcada pela desconstrução do mito da democracia racial (conceito popularizado por Gilberto Freyre que perdurou por décadas no país, negando a existência do racismo ao considerar as desigualdades raciais no Brasil apenas como problemas de desigualdade de classes). Essa desconstrução foi intensificada nos anos 1960 e 1970 pela atuação do Movimento Negro Unificado (MNU), influenciado pelas lutas dos direitos civis nos EUA e pelas independências africanas. Com a redemocratização do país nos anos 1980, o movimento negro brasileiro passou a promover identidades negras positivas e a denunciar o racismo de forma mais aberta.

A partir dos anos 1990, houve uma mudança de ênfase das críticas ao racismo para a imple-

mentação de medidas efetivas de combate a ele, com o Estado se engajando mais ativamente nesse processo. Isso culminou na Marcha Zumbi dos Palmares em 1995 e no reconhecimento oficial do racismo pelo governo. Na área da educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram aprovados em 1996, enfatizando a pluralidade cultural e introduzindo o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. No entanto, alguns críticos argumentam que os PCN diluíram a questão racial no discurso da pluralidade cultural, sem enfrentar explicitamente o racismo. Internacionalmente, a III Conferência Contra o Racismo, realizada pela ONU em 2001, foi um marco importante, influenciando o debate no Brasil. Isso levou à criação de políticas públicas de igualdade racial, como a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR) em 2001 e a promulgação da Lei nº 10.639 em 2003, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

A partir dos conceitos de Stuart Hall, podemos considerar na concepção deste trabalho o circuito da cultura proposto por ele e Paul du Gay, que abrange cinco conceitos relacionados à cultura, inter-relacionados entre

si mutuamente. O primeiro conceito é a produção do conteúdo cultural, seja na forma de produtos materiais (como filmes, músicas, livros) ou imateriais (como ideias, discursos e valores). Neste trabalho, isso se trata do projeto em si, seu programa e possibilidades de usos.

O segundo conceito é a representação do conteúdo cultural moldado e apresentado ao público, incluindo temas, narrativas, símbolos e imagens. Isso se expressa no trabalho a partir dos elementos visuais, estéticos e simbólicos empregados no projeto que refletem significado na comunidade do bairro. O terceiro conceito é a identidade, ou seja, como as pessoas identificam o conteúdo cultural e são influenciadas por ele em suas identidades pessoais e coletivas. Isso se expressa neste trabalho pela busca por fortalecimento da identidade negra na Vila Izabel e em São Carlos, fornecendo um espaço físico onde a comunidade pode se reunir, celebrar sua cultura, aprender sobre sua história e se afirmar como parte integrante da cidade.

O quarto conceito é o consumo, ou seja, como o conteúdo cultural é recebido, interpretado e utilizado pelo público. Isso se expressa no trabalho pela preocupação com quem acessa, visita

e participa dos usos do projeto, atraindo-os a partir de programas educativos, performances e exposições artísticas assistidas e desenvolvidas pelo próprio público local. O quinto e último conceito é a regulação, que se refere ao controle exercido sobre o conteúdo cultural, políticas, regulamentações e normas. Isso se expressa no projeto pelas políticas de inclusão e diversidade no que tange seu funcionamento, e pela busca por parcerias com organizações locais.

A constituição das memórias do bairro Vila Izabel como patrimônio justifica a busca pela sua retomada. Esse patrimônio é defendido por Scifoni (2019) como formado a partir da sensibilidade acerca do significado de determinada memória para um grupo, diferenciando-se daquele patrimônio imposto por um processo burocrático que apenas espelha as relações de poder ao representar determinados grupos e excluir outros. Em vez disso, ele se baseia nos saberes da população, em constante transformação e partilha.

A combinação entre a memória histórica, que se dá pelos fatos não vividos, mas marcados no contexto (como o surgimento da Vila Izabel como um bairro de ex-escravizados no pós-abolição), e a memória coletiva, que se apoia

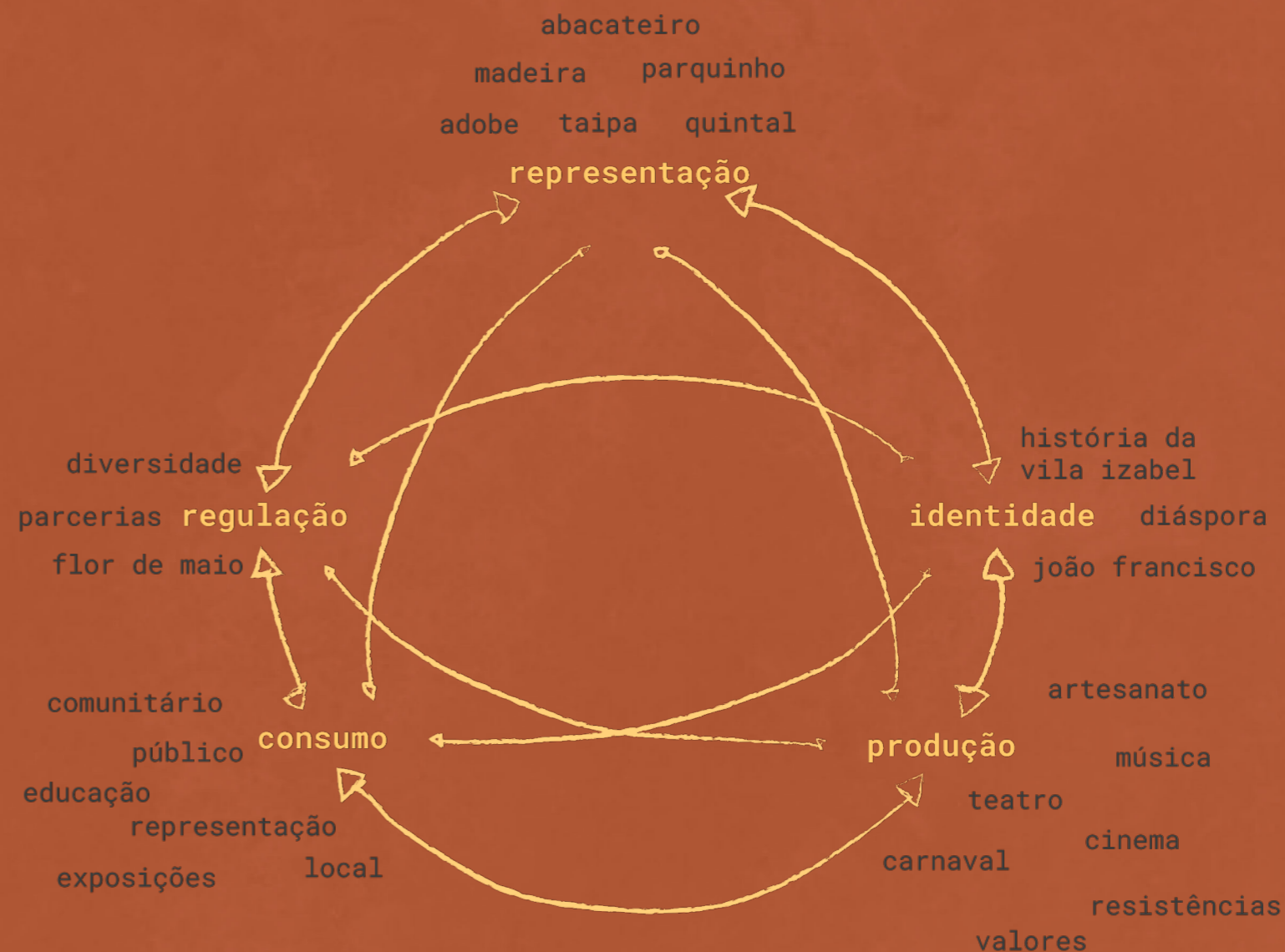
nos fatos vivenciados (como as memórias do carnaval compartilhadas por Julia), compõe juntos quadros da história. Esta, por sua vez, organiza e esquematiza tais memórias de modo contínuo. Assim, a memória é uma ferramenta da história, pois a história é um processo onde o presente interpreta o passado. Tal interpretação não se desconecta dos contextos social e familiar do indivíduo que rememora. Dessa forma, ocorre a reconstrução do passado por sistemas de referência contemporâneos, com a função de construir identidades e estabilizar a autoimagem de comunidades, preservando suas tradições e costumes (Weber e Pereira, 2010).

Essa ideia de patrimônio se distancia do discurso autorizado de patrimônio, como chamado por Smith (2020), que desconecta o patrimônio do presente ao confiná-lo ao "passado" e também delega a responsabilidade pelo patrimônio a "especialistas" do assunto. Diferentemente disso, o patrimônio não é uma entidade estática, mas um processo cultural dinâmico que envolve atos de lembrança, ajudando a criar formas de compreender e interagir com o presente. Smith também afirma que, embora o patrimônio frequentemente se refira a locais físicos, o verdadeiro significado está nas atividades e

processos culturais que ocorrem nesses locais, sendo o local em si uma ferramenta facilitadora da lembrança, mas não o patrimônio propriamente dito.

O patrimônio não é uma 'coisa', não é um 'local', edifício ou outro objeto material. Embora essas coisas sejam frequentemente importantes, elas não são em si mesmas o patrimônio. Em vez disso, o patrimônio é o que acontece nesses locais, e embora isso não signifique que um senso de lugar físico não seja importante para essas atividades ou desempenhe algum papel nelas, o local físico ou 'sítio' não é toda a história do que o patrimônio pode ser. (SMITH, L., 2020)

## CIRCUITO DA CULTURA - DIAGRAMA DE PALAVRAS



julia nascimento cantando no carnaval. sem data.



espero mudar o paradigma,  
levar as pessoas a sonhar e a correr riscos.  
não é porque você é rico que deve desperdiçar  
material.  
não é porque você é pobre que não deve tentar criar  
qualidade.

\_diabédo francis kéré

## SABERES E CONSTRUÇÃO DO QUINTAL

Em se tratando da forma assumida pelo projeto, partimos da compreensão da célula central na composição das ações políticas e culturais na história da Vila Izabel: o quintal da família de João Francisco. Este quintal não se configura apenas como um espaço livre no meio do lote, mas como um quilombo urbano em forma e significado, referenciando o kraal africano.

Segundo Weimer (2014), o kraal é uma estrutura tradicional africana intermediária entre a edificação e a cidade, um agrupamento de edificações e espaços livres em um local. As construções têm usos específicos (cozinha ou quarto, por exemplo, mas nunca ambos, como na concepção de casa ocidental). No espaço livre, é comum a escolha de um local central para reuniões políticas, geralmente sob uma árvore frondosa. A ocupação do solo é sempre de caráter coletivo com propriedade da terra hereditária, sendo comum o uso do espaço público aberto para pequenos comércios, produção de artesanato, cerimônias religiosas e con-

versas.

Os quilombos, por sua vez, eram assentamentos compostos de vários kraals que formavam uma vila ou aldeamento. No Brasil, os quilombos representaram não apenas a fuga do sistema escravista, mas também a resistência ativa e a criação de espaços de autonomia. Segundo Almeida (2020), "os quilombos foram fundamentais para a preservação das culturas africanas no Brasil, servindo como centros de resistência e manutenção de tradições ancestrais". Quilombos como o de Palmares resistiram tanto militarmente quanto socialmente, mantendo uma estrutura social baseada em princípios africanos. Santos (2021) afirma que os quilombos brasileiros são formados por uma combinação dos saberes trazidos da África e conhecimentos locais dos povos indígenas, resultando em uma confluência de saberes.

Em todo o território nacional marcado pela presença do trabalho escravo, foram organizados quilombos ou mocambos de negros fugidos, que ofereciam

resistência e desgaste ao sistema escravista, através de ações militares ou do rapto de escravos das fazendas. A economia dos quilombos, muitas vezes relacionada com a área em que se organizavam, incluía agricultura, extrativismo, comércio, mineração, pastoreio, prestação de serviços e saques. Segundo Moura (1993), "os quilombos praticavam uma economia policultora, ao mesmo tempo distributiva e comunitária, capaz de satisfazer as necessidades de todos os membros."

O significado de quilombo variou através do tempo, de acordo com o contexto histórico. No final do século XIX, quilombo se tornou um instrumento ideológico contra as formas de opressão, não mais uma instituição em si, mas um símbolo de resistência, um código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica (Nascimento, 1985). Segundo Carril (2006), grupos nas periferias identificam essas partes da cidade com quilombos, aproximando-se da realidade social

da periferia, que denuncia um universo de exclusão, violência e criminalidade, referindo-se à periferia como palco de guerra e ao quilombo como símbolo de luta.

A configuração de diversas casas em um terreno, ou ainda de subdivisões de uma casa, foi conceituada por Simoni Guedes (1998) como "quintal". Neste cenário, a casa inicial ganha um símbolo de poder material e imaterial para os moradores, dela emanam as regras de organização e funcionamento do espaço. O quilombo imprime a disposição e os usos do kraal, assim como os quintais. Na contemporaneidade, o quintal é o quilombo, pois garante modos de vida que resgatam ancestralidades e permitem resistências no espaço urbano.

Essas estruturas nos servem de base para pensar a implantação e materialidade do projeto, conforme expresso em outros projetos que serão apresentados adiante. O principal arquiteto que nos serve de referência neste sentido é Francis Kéré, que utiliza referências culturais locais, ma-

teriais da região e conhecimentos construtivos locais em seus projetos. Na obra "Opera Village Remdoogo", Kéré faz referência ao kraal, dispondo os edifícios de forma tradicionalmente circular e deixando o espaço livre no centro.

Na Vila Izabel, os terrenos possuíam grandes dimensões, permitindo a ocupação desse espaço por diversas atividades do cotidiano familiar. Era comum a presença de poços e fossas antes da instalação de sistemas de esgoto e água encanada. As cozinhas externas, compostas por fogões a lenha, muitas vezes com forno e pia, eram localizadas à sombra. Segundo Costa (2012), essa posição estratégica das cozinhas permitia às mulheres vigiar as crianças enquanto realizavam suas atividades. Nos terrenos, também se criavam animais como galinhas, cabras e porcos para produção de alimento para a família e, por vezes, para a venda do excedente aos vizinhos. O cultivo de hortaliças e legumes era comum na complementação alimentar das famílias.

Quanto à materialidade, Costa (2012) também documentou algumas das casas e os saberes negros empregados em sua construção. Os materiais predominantes eram madeira, alvenaria (comumente assentada com

terra) e terra. O uso do barro era mais recorrente que o da madeira, seja por meio do adobe, um tijolo feito de terra crua combinada com fibras e palha, moldado artesanalmente em fôrmas de madeira, ou pela taipa de mão, conhecida como pau a pique ou barrote, onde paredes armadas por tramas de madeira ou bambu eram preenchidas com barro e fibras. Para portas e janelas, era comum o uso de tábuas de madeira para fechamento, batentes, vergas e contravergas. O piso era comumente de terra batida, sendo posteriormente substituído por tijolo ou pedra, cimento (com aplicação do "vermelhão") e, mais tarde, revestimentos cerâmicos. Embora exigido por lei na época, nenhuma das casas estudadas pela autora apresentava porão.

A presença de construções de terra em diversas regiões do globo é explicada por Faria (2014) como uma consequência de áreas onde a pedra não era abundante. Independentemente disso, seu uso indica conhecimentos muito particulares em comparação às tecnologias construtivas dominantes atualmente. Construir com terra exige um conhecimento preciso deste material, que varia bastante, além de como pode ser otimizado combinando-o com outros materiais como areia e fi-

bras vegetais.

Rezende (2012) atesta que a arquitetura tradicional é fruto de conhecimentos profundos do meio envolvente e de suas relações com os materiais. Assim, as construções são "um dos mais importantes testemunhos dos modos de viver de um povo e da visão de mundo de uma cultura, que se manifesta na presença humana no território, integrando contextos socioeconômicos, técnicos e culturais." Ele também enfatiza que a falta de conhecimento sobre a história das construções coloca sua manutenção e restauro em risco, levando a danos irreversíveis que prejudicam não somente a construção, mas também os relatos históricos, demonstrando a importância do tema.

Compreender as características da disposição espacial, da relação com espaços livres e edificados, da materialidade e construtibilidade, em construções da Vila Izabel, bem como em referências projetuais que utilizaram de conhecimentos locais semelhantes, permitiu determinar as características do próprio projeto, a ser apresentado adiante.



reforma na vila izabel.

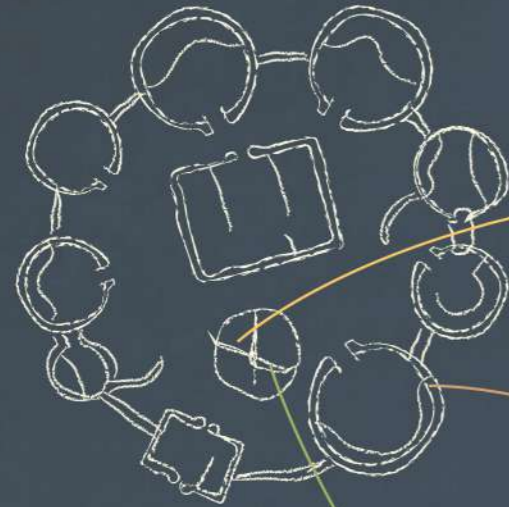


dona benedita em sua casa na vila izabel



quintal na vila izabel

# DIAGRAMA QUINTAL



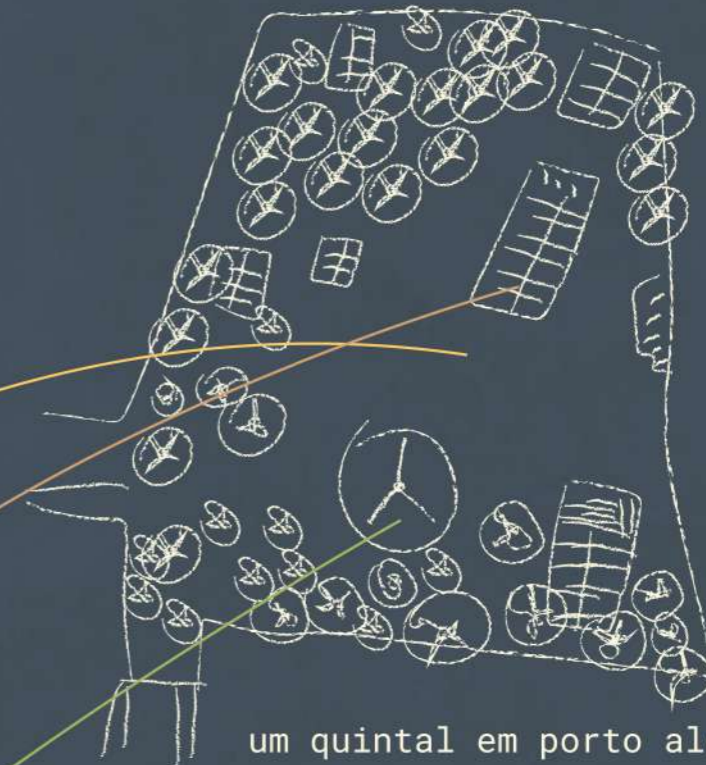
kraal musgum

distribuição dos edifícios no terreno conformando um grande "quintal" coletivo, uma praça carregada de usos compartilhados, cotidianos e simbólicos

emprego de materiais e técnicas de construção que fazem referência ao imaginário local, utilizando o saber construtivo e cultural de quem ocupa o espaço

planejamento dos espaços livres como chave para promover uma recuperação da relação entre humanos e a natureza

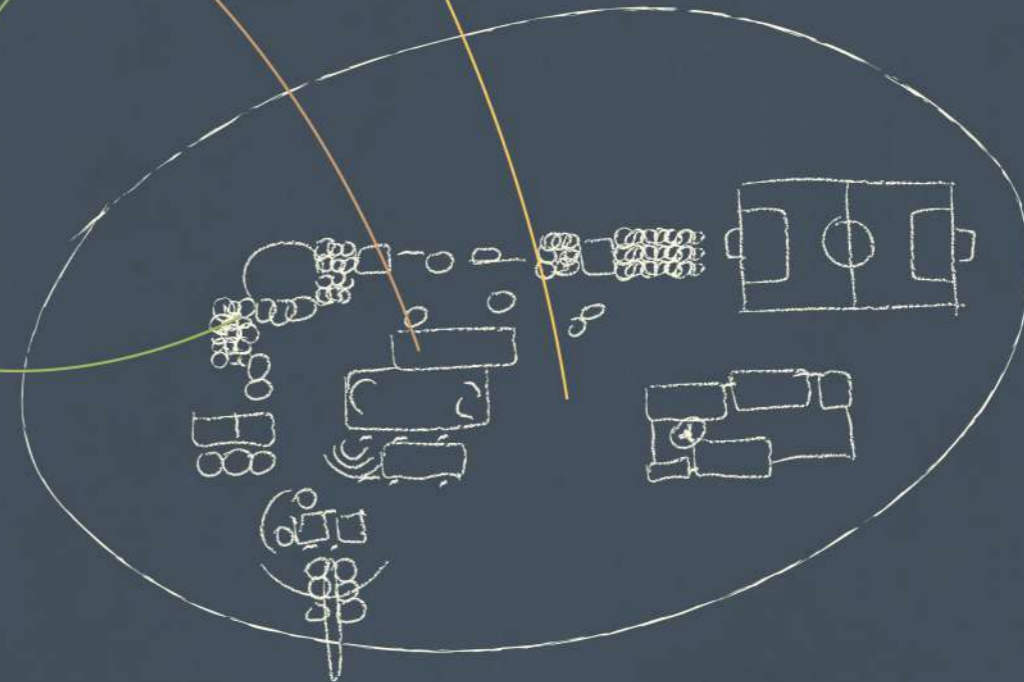
o reconhecimento das permanências culturais e construtivas da diáspora no cotidiano popular e na arquitetura vernacular tornam-se diretrizes do projeto, que pretende conferir identidade ao seu usuário.



um quintal em porto alegre



quilombo da samambaia

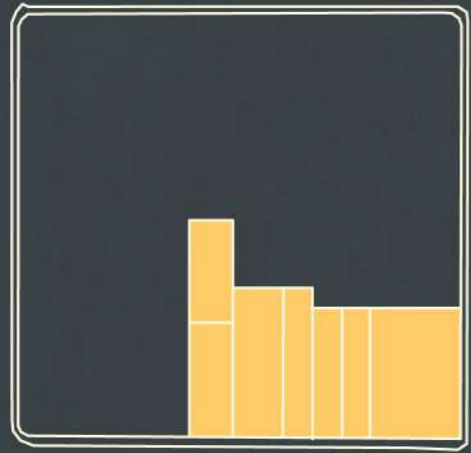


escolas primárias awf em karamoja - localworks

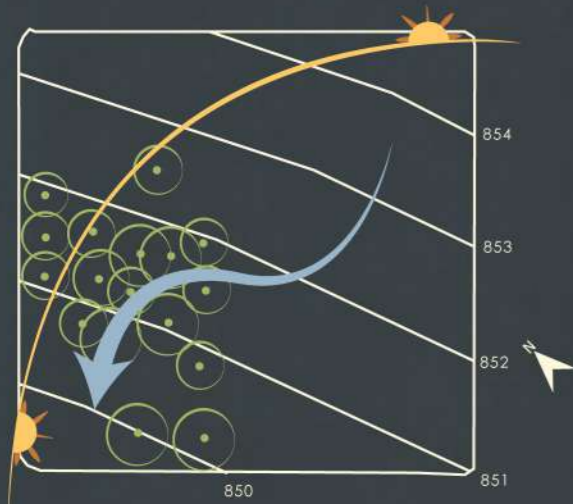
# 4

○ PROJETO

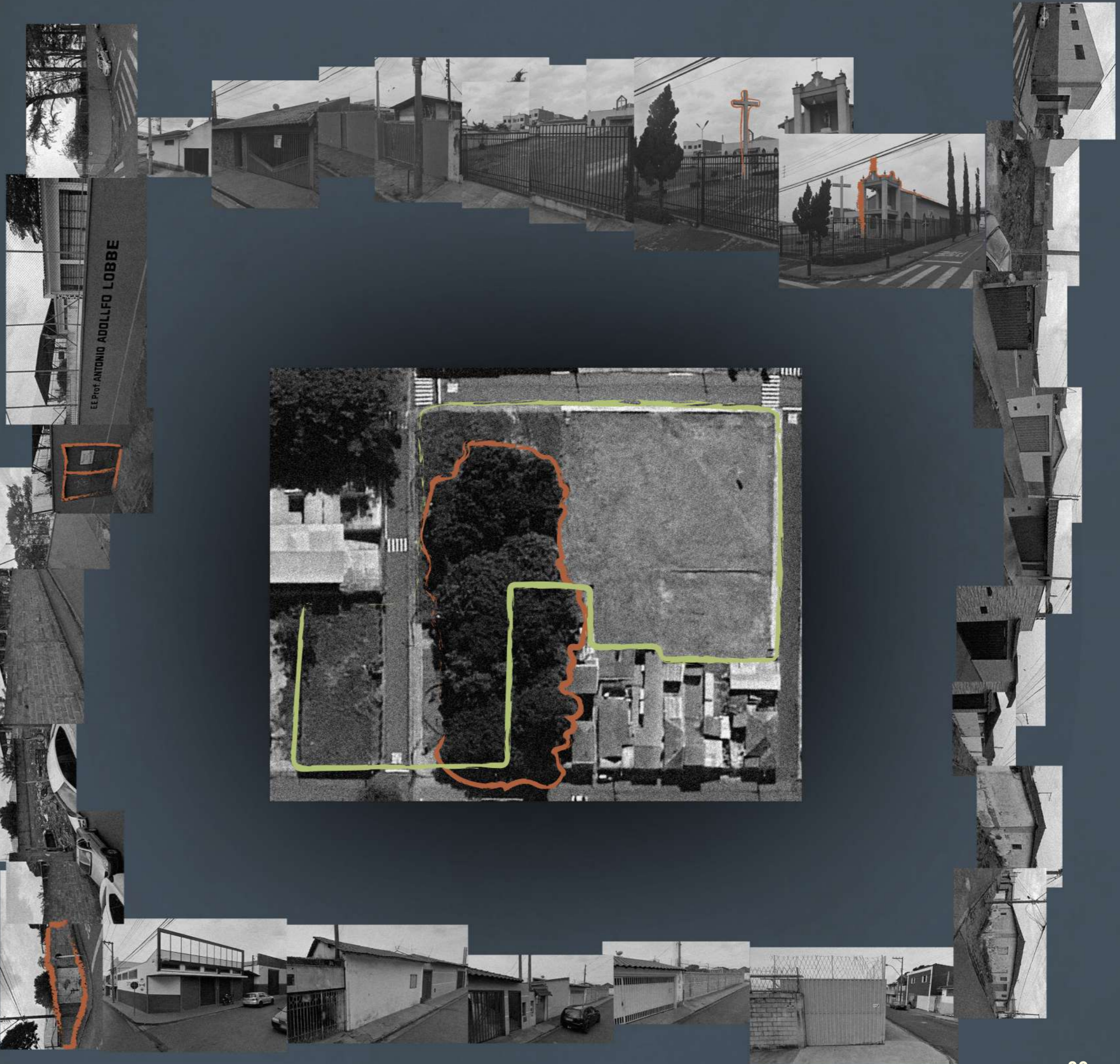
# O TERRENO E SEU ENTORNO



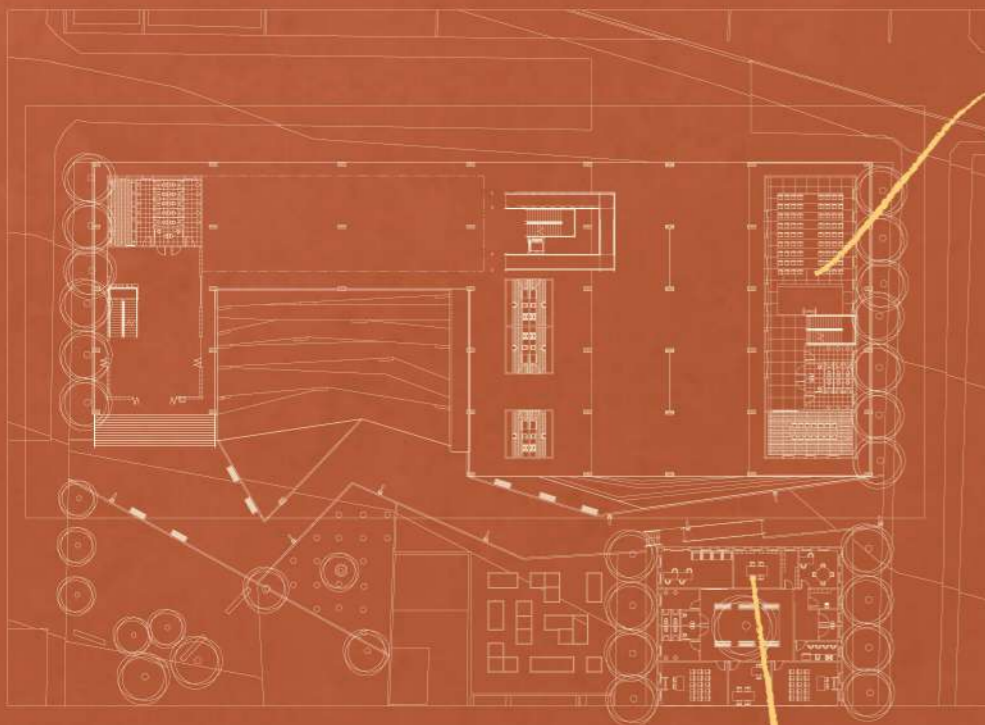
■ Presença de casas em uma parte do terreno



- curvas de nível de 1m
- árvore preexistentes
- direção do sol
- vento dominante



## REFERÊNCIAS PROJETOAIS



### escolas primárias awf em karamoja localworks uganda

O projeto promove a interação entre a população e a natureza, protegendo a vegetação nativa e implementando com novos jardins. Os edifícios utilizam de materiais de construção locais como as pedras da fundação e os tijolos de terra compactada das paredes. Os materiais não locais, como a estrutura da cobertura e os fechamentos, são feitos de forma leve para que possam ser facilmente manuseados pelos construtores, que são locais. Todos o projeto é inspirados nas estruturas tradicionais dos Karamojong.



### escola amadou hampaté bâ article 25 niger

Construído a partir de pedra laterite sustentável, uma rocha local, o projeto adapta tecnologias construtivas tradicionais para responder a questões climáticas, estéticas e de conforto. A Article 25 iniciou um programa de treinamento com a comunidade acerca da construção com laterite, viabilizando sua reprodução em outras obras.

## REFERÊNCIAS PROJETAIS



**centro comunitário kamwokya**  
**diébédo francis kéré**  
**uganda**

### **centro produtivo comunitário las tejedoras** **natura futura arquitectura e juan carlos bamba** **equador**

o centro oferece oficinas de construção para contribuir com o desenvolvimento local e ambiental da comunidade de chongón. a fachada serve como um filtro para o pátio interno e de elemento conectivo com o entorno. a estrutura principal é de madeira e as paredes de tijolos.



### **infinity playground** **blue temple** **myanmar**

o parquinho cria uma série de possibilidades que buscam estimular o envolvimento e atividade física das crianças de modo divertido e exploratório. a estrutura do projeto envolve duas árvores já existentes no local.



## EIXO 1\_ASSISTÊNCIA



### CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

“para fazer um projeto cultural em que as pessoas se interessem e participem de fato, é necessário primeiro fazer um trabalho de base, assistencial, para tratar das carências das pessoas do bairro, em especial a integridade das crianças e adolescentes.”

\_maribia oliveira  
moradora do bairro e terapeuta ocupacional

A proposta de incluir um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) no projeto para a Vila Izabel, em São Carlos-SP, visa atender às necessidades básicas da população local, principalmente de crianças e adolescentes, proporcionando um suporte inicial essencial para a comunidade. O CRAS atua como um ponto de acolhimento e orientação, oferecendo serviços como apoio psicológico, encaminhamento para programas sociais e atividades de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Sua presença é estratégica para reduzir vulnerabilidades e promover a inclusão social, criando condições para que os moradores se sintam mais seguros e apoiados. Com isso, o CRAS facilita a participação da comunidade em atividades culturais e educativas, ampliando o engajamento e garantindo que esses projetos tenham impacto efetivo e sustentável. Ao integrar assistência social e cultura, o CRAS contribui para o desenvolvimento integral do bairro, fortalecendo as bases para uma transformação social positiva e duradoura.

<b>Recepção</b>	Primeiro ponto de contato dos usuários com o CRAS. É um espaço destinado ao acolhimento e triagem inicial, onde os visitantes são recebidos e orientados sobre os serviços disponíveis.
<b>Atendimento coletivo</b>	Destinada a atividades em grupo, como oficinas, palestras, rodas de conversa e reuniões socioeducativas. Este espaço é versátil e acomoda diferentes configurações para atender às necessidades das atividades planejadas, promovendo a interação e o fortalecimento dos vínculos comunitários.
<b>Atendimento individual</b>	Pensadas para encontros mais reservados entre os assistentes sociais, psicólogos e os usuários. Estes ambientes garantem privacidade, oferecendo um local seguro e acolhedor para discussões mais delicadas e confidenciais sobre questões pessoais e familiares.
<b>Equipe referenciada</b>	Onde ficam os profissionais que atuam diretamente com as famílias cadastradas no CRAS, como assistentes sociais e psicólogos. É um ambiente de trabalho compartilhado, que facilita a comunicação e o planejamento das ações, permitindo o acompanhamento e a orientação adequada das famílias atendidas.
<b>Jardim de espera</b>	O jardim interno de espera é um diferencial do projeto, pensado como um espaço verde e acolhedor para os usuários aguardarem atendimento. Diferente de uma sala de espera convencional, esse pátio proporciona uma área mais tranquila e privativa, com vegetação e assentos confortáveis, criando um ambiente mais relaxante e agradável. A proposta é oferecer um local que minimize o estresse e a ansiedade dos visitantes, valorizando o bem-estar e a experiência dos usuários dentro do CRAS.

## EIXO 2\_PERTENCIMENTO



### CENTRO DE MEMÓRIA E ORGANIZAÇÃO DO BAIRRO

“As pessoas aqui parece que não se lembram mais dessas coisas de cultura que tinham, como você falou do carnaval. Os mais jovens nem sabem [...] falta um espaço pra gente se organizar também, porque se esperar do município não vai ter.”

\_conversa em um bar na vila izabel durante o trabalho de campo

A criação de um Centro de Memória e Organização do Bairro no projeto para a Vila Izabel, busca fortalecer o senso de pertencimento e a identidade coletiva da comunidade. O espaço é pensado para resgatar, preservar e valorizar a história local por meio de fotografias, depoimentos e objetos que representam a trajetória do bairro, sendo continuamente alimentado pela participação ativa dos moradores. Além disso, o centro serve como ponto de articulação política, promovendo debates e discussões que possibilitem a organização comunitária e a reivindicação de direitos.

O Centro de Memória também funciona como um espaço para eventos e atividades que estimulam a convivência e a colaboração entre os moradores, fortalecendo os laços sociais e o engajamento comunitário. Sua configuração busca não apenas preservar a história local, mas também oferecer uma plataforma para que a comunidade construa novas narrativas e caminhos.

<b>Auditório</b>	Espaço versátil destinado a palestras, debates, apresentações culturais e outros eventos que promovam a troca de conhecimentos e a integração comunitária.
<b>Sala de Reuniões</b>	Local reservado para encontros e discussões estratégicas, favorecendo a organização política e a articulação de iniciativas coletivas.
<b>Biblioteca e Acervo</b>	Ambiente dedicado à consulta e preservação de materiais históricos e literários, além do acervo local de fotografias e objetos relacionados às atividades desenvolvidas no e pelo bairro, com espaço para estudos e atividades educativas.
<b>Administração</b>	Área responsável pela gestão de todo o conjunto do projeto, garantindo o bom funcionamento e a articulação dos diferentes eixos propostos.
<b>Cobertura para Eventos/Feira</b>	Espaço coberto que possibilita a realização de eventos comunitários já tradicionais no bairro, como quermesses e bingos, além de promover novas atividades, como uma feira sazonal que estimule o comércio local e a convivência.

## EIXO 3\_CULTURA



### CENTRO CULTURAL JOÃO FRANCISCO

“ quando eu era criança o terreno do meu pai tava sempre cheio de gente. tinha um galpão que o pessoal organizava o carnaval que saia de casa e subia até lá na avenida (Av. São Carlos), os teatro da igreja, meu pai recebia os político. era um terreiro de umbanda também. ”

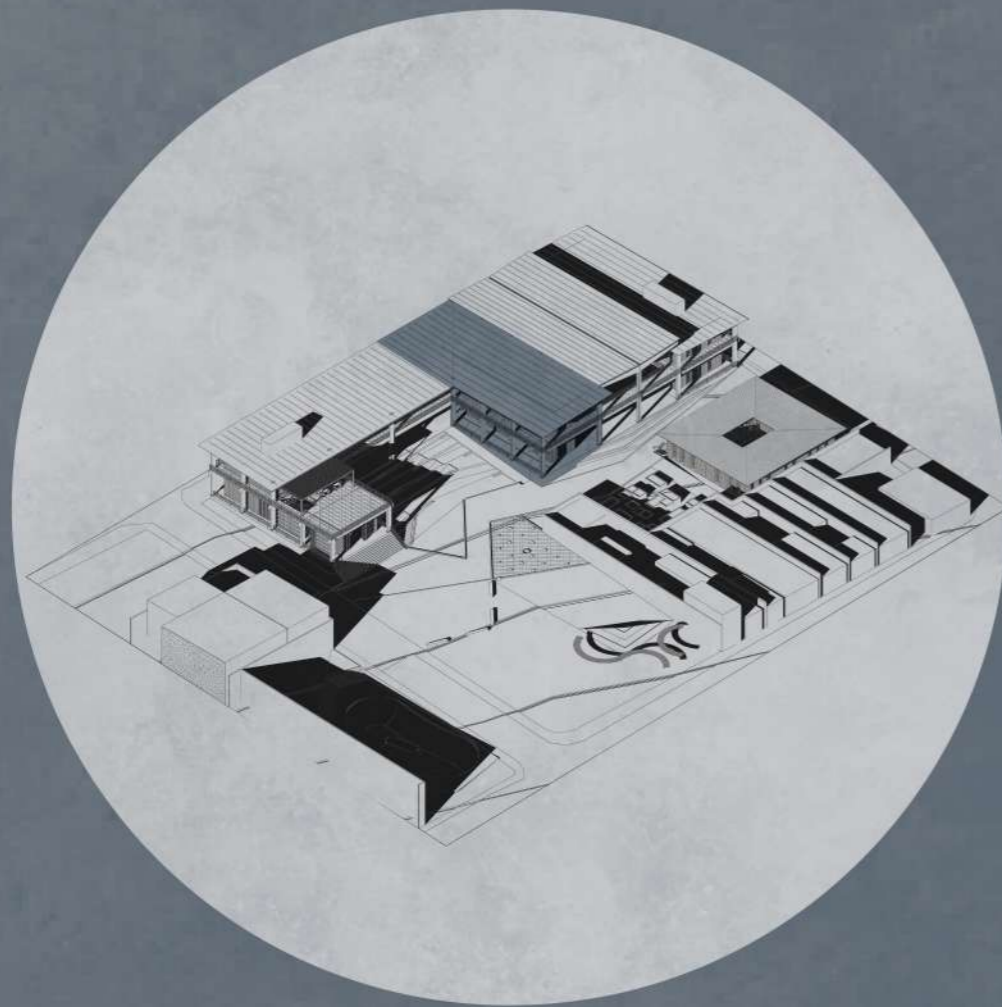
—julia nascimento  
moradora histórica do bairro, filha de João Francisco  
e cantora da igreja e do carnaval

O Centro Cultural João Francisco, presta homenagem a um dos grandes líderes do bairro, reconhecido por suas contribuições tanto na luta por melhorias urbanas quanto na promoção de atividades culturais. O centro tem como objetivo democratizar o acesso à arte e à cultura, integrando a comunidade e proporcionando um espaço onde a criatividade, a expressão artística e o aprendizado sejam valorizados. Suas instalações foram planejadas para permitir uma ampla gama de atividades culturais, desde exposições e oficinas até apresentações artísticas.

O Centro Cultural também se destaca por incorporar elementos simbólicos do bairro, como o abacateiro que resiste no terreno e faz parte das memórias coletivas da comunidade. Este espaço convida os moradores a se apropriarem de seus ambientes, criando uma plataforma para manifestações artísticas, políticas e sociais.

<b>Exposições e oficinas</b>	Um espaço amplo e flexível, com planta livre, que possibilita a realização de exposições temporárias e oficinas artísticas de diversos formatos.
<b>Vão livre</b>	Inspirado no vão do MASP, esse espaço multifuncional sob as salas de aula elevadas serve como local para manifestações políticas, encontros artísticos ou simplesmente como passagem no dia a dia.
<b>Decks/arquibancada</b>	Integrando-se ao desnível natural do terreno, os decks servem tanto como conexão quanto como arquibancada para apresentações no espaço versátil abaixo. O abacateiro ao fundo reforça a conexão do projeto com a memória afetiva local, sendo palco e plano de fundo para eventos ao ar livre.
<b>Restaurante</b>	Oferece um local de convivência e alimentação, com vista privilegiada para os decks e apresentações no térreo, criando um ambiente mais integrado.
<b>Salas de artes</b>	Se dividem em três salas com divisórias móveis que permitem dividi-las em mais salas menores. Sala de artes plásticas: destinada ao ensino de pintura, escultura, fotografia e desenho. Sala de música: Destinada ao ensino de canto e instrumentos musicais, possibilitando o aprendizado e a prática das artes sonoras. Sala de dança e teatro: destinada ao ensino de dança, teatro e circo, este ambiente acolhe as artes performáticas, oferecendo um local onde o corpo e a expressão ganham protagonismo.

## EIXO 4\_COMÉRCIO



### CENTRO COMERCIAL

“ falta também um incentivo pros comerciantes locais, já não tem muito espaço pra abrir nada aqui que não seja na garagem das pessoas, e tem que ficar dependendo de ônibus pra ir lá pra cidade trabalhar. ”

\_conversa em um bar na vila izabel durante o trabalho de campo

O Centro Comercial visa promover a dinamização econômica e a valorização das potencialidades locais. O centro fomenta o desenvolvimento de pequenos negócios e cria oportunidades para os moradores do bairro estabelecerem vínculos produtivos com o espaço projetado. Essa integração fortalece as relações comunitárias e incentiva a permanência da população no bairro, reduzindo a dependência de deslocamentos para acessar serviços ou oportunidades de trabalho.

A ideia é reforçar a proposta de criar um ambiente completo e acessível, onde convivam lazer, aprendizado, cultura e trabalho. Os quiosques de alimentação no pavimento térreo são projetados para garantir uma experiência dinâmica e descontraída, enquanto as salas comerciais no pavimento superior oferecem espaço para negócios variados que atendam às necessidades e talentos locais.

<b>Quiosques de alimentação</b>	Localizados no térreo, os quiosques são espaços geminados e estruturados que funcionam como uma praça de alimentação, permitindo a venda de alimentos e bebidas em um ambiente descontraído. A possibilidade de fusão entre dois quiosques amplia sua flexibilidade e permite atender a diferentes demandas de empreendedores locais.
<b>Salas comerciais</b>	Situadas no pavimento superior, as salas comerciais incentivam o empreendedorismo local, abrigando negócios diversos como lojas, cabeleireiros, estúdios e serviços especializados. Essas salas promovem a geração de trabalho e renda dentro do bairro, valorizando as habilidades e iniciativas da comunidade. Além disso, sua localização estratégica conecta o comércio ao restante do projeto, favorecendo a circulação de pessoas e estimulando a interação entre os diferentes eixos.

## EIXO 5\_PAISAGEM



### PRAÇA

“faltam espaços qualificados para as crianças e adolescentes. a creche da divina providência faz um trabalho importante, mas fora isso tem só aquela quadra mais pra baixo. não tem uma praça, as crianças ficam aí na rua como você viu.”

\_maribia oliveira  
moradora do bairro e terapeuta ocupacional

A praça é o espaço lúdico e recreativo do projeto, pensado para valorizar o convívio social e o contato direto com a natureza. Essa praça integra diferentes usos que atendem a públicos variados, promovendo lazer, descanso e interação em um ambiente ao ar livre. Com foco especial nas crianças e na diversidade de experiências sensoriais, o eixo oferece espaços dinâmicos e acolhedores que estimulam o brincar, o aprender e o relaxar, fortalecendo o senso de pertencimento ao bairro.

Além disso, o eixo dialoga com os outros elementos do projeto ao criar uma conexão harmoniosa entre os espaços construídos e os naturais. Por meio de intervenções planejadas, como hortas comunitárias e playgrounds integrados ao terreno, a praça não apenas promove a sustentabilidade e a qualidade de vida, mas também reforça a identidade do bairro como um lugar vivo, inclusivo e acolhedor.

<b>Horta</b>	A horta comunitária subsidia ingredientes frescos para o restaurante do Centro Cultural, incentivando práticas sustentáveis e o consumo consciente. Além disso, é um espaço de aprendizado sobre cultivo, envolvendo a comunidade em atividades que fortalecem a relação com a terra e os alimentos.
<b>Atendimento coletivo</b>	Pensada especialmente para as crianças, a fonte seca é um espaço interativo onde os pequenos podem brincar livremente com jatos de água em um ambiente seguro e divertido. Esse elemento lúdico transforma a praça em um ponto de encontro animado, criando memórias afetivas e promovendo o lazer em dias quentes.
<b>Playground</b>	O playground foi projetado para ser mais do que um espaço de brincadeiras tradicionais: ele integra brinquedos ao terreno e às árvores existentes, explorando as formas naturais do local. Inclui uma topografia lúdica com um morrinho equipado com escorregador, mini parede de escalada e túnel, incentivando atividades físicas e a imaginação das crianças.
<b>Jardim sensorial</b>	O jardim sensorial é um espaço inclusivo e contemplativo, composto por ervas aromáticas, texturas variadas e plantas que estimulam os sentidos humanos. Ideal para crianças, idosos e pessoas com deficiência, o jardim promove o relaxamento e a conexão com a natureza, valorizando a diversidade de experiências.
<b>Gramadão</b>	Grande espaço verde sombreado por árvores, pensado para o descanso e o contato com a natureza. É perfeito para momentos de relaxamento, piqueniques ou brincadeiras simples, oferecendo um refúgio natural em meio ao cotidiano urbano.
<b>Skatepark</b>	Atravessando uma passagem ampla que conecta a praça à quadra vizinha, encontra-se o skatepark. Com uma grande bowl projetada para skatistas de diferentes níveis, o espaço atrai os jovens e dá vida ao entorno. Além disso, conta com uma pequena praça própria, criando um ponto de encontro multifuncional.

## MAQUETE DE ESTUDOS



1\_Entendimento e montagem do terreno, verificando o desnível e montagem da volumetria do entorno, entendendo o gabarito.



2\_Elaboração dos primeiros estudos volumétricos, neste momento o Eixo 1 era composto por dois blocos retangulares, o Eixo 2 e 3 eram contínuos e não existia o Eixo 4.



3\_A partir da maquete identificou-se o potencial de continuidade com o espaço festivo ao lado da igreja, abrindo uma área que posteriormente recebeu a cobertura para feiras e eventos. O Eixo 2 foi deslocado do restante e foi criado o Eixo 4.



4\_Expansão do Eixo 3 superior para compor a cozinha do restaurante e alteração da volumetria do Eixo 1 para compor um bloco contínuo ao restante do projeto ao mesmo tempo em que tem uso mais privativo.



5\_Concepção da planta de todo o conjunto a partir de blocos de papel recortados e encaixados. A dinâmica possibilitou a experimentação de diversas disposições em pouco tempo, chegando próximo da planta final utilizada no projeto.



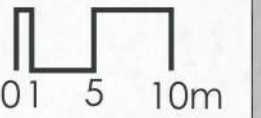
6\_Acréscimo da cobertura e da estrutura preliminar para validação da volumetria final. Após a visualização da maquete foram percebidos alguns pontos a serem melhorados no projeto final.



IMPLANTAÇÃO

PARÓQUIA SANTA ISABEL DE PORTUGAL

CRECHE DIVINA PROVIDÊNCIA



R. SANTA ISABEL

EIXO 3  
CULTURA

EIXO 2  
PERTENCIMENTO

EIXO 4  
COMÉRCIO

ESCOLA ANTONIO ADOLFO LOBBE

EIXO 1  
ASSISTÊNCIA

EIXO 5  
PAISAGEM

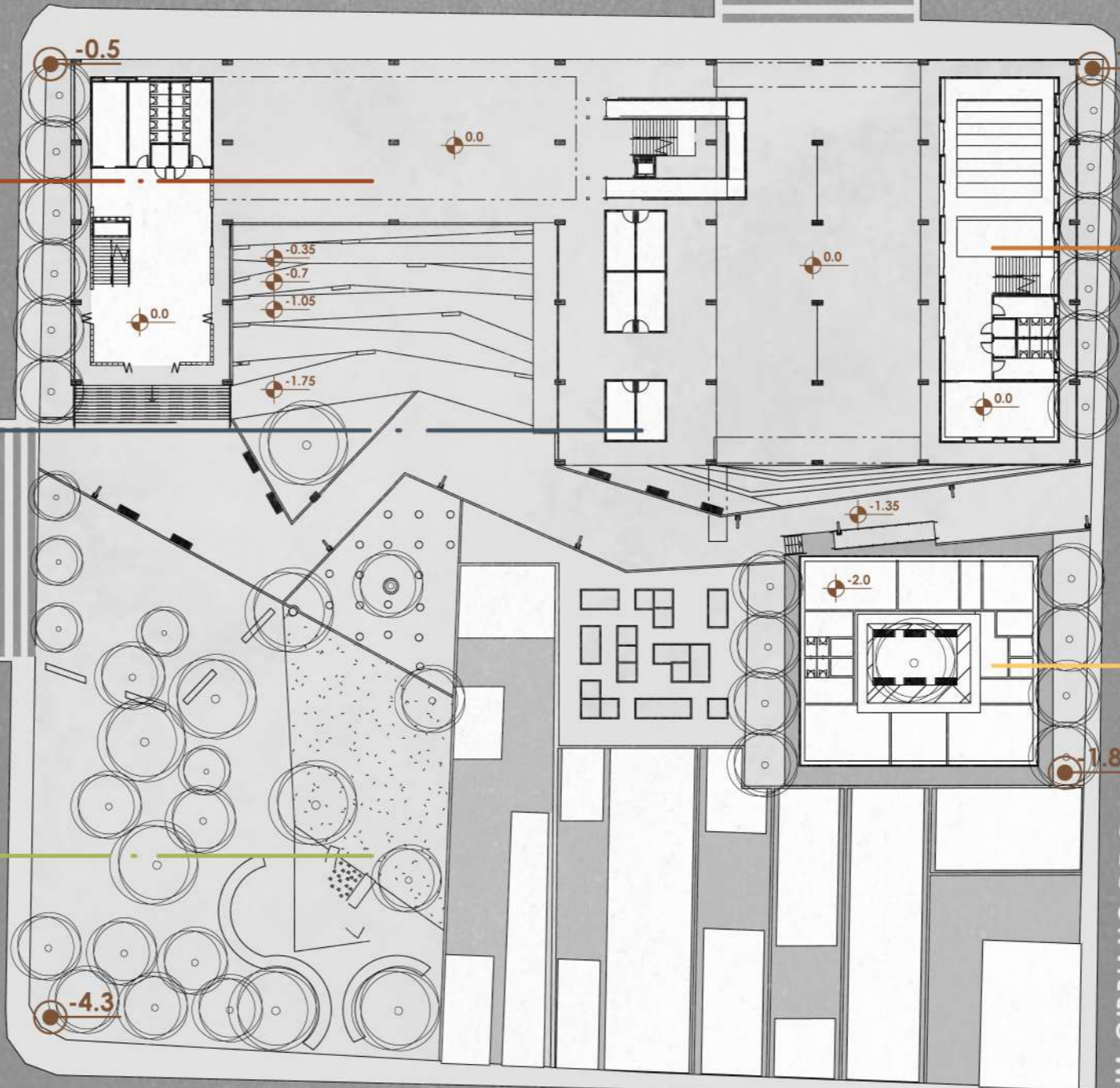
R. PADRE JOAQUIM BOTELHO FONSECA

R. PADRE JOAQUIM CIPRIANO DE CAMARGO

R. SANTA CLOTILDE

100

101



## PROGRAMA, CIRCULAÇÃO E ACESSOS

Os acessos aos espaços edificados do projeto são predominantemente realizados pela Rua Santa Isabel, onde o vão livre do Centro Cultural e o amplo espaço sob a cobertura independente convidam o transeunte a ingressar no local. No centro do projeto, um caminho principal conecta-se também às ruas Padre Joaquim Cipriano de Camargo e Padre Joaquim Botelho Fonseca, proporcionando acesso às entradas de todos os blocos edificados e à praça, concentrando, assim, toda a circulação principal do projeto, conforme ilustrado no diagrama ao lado.

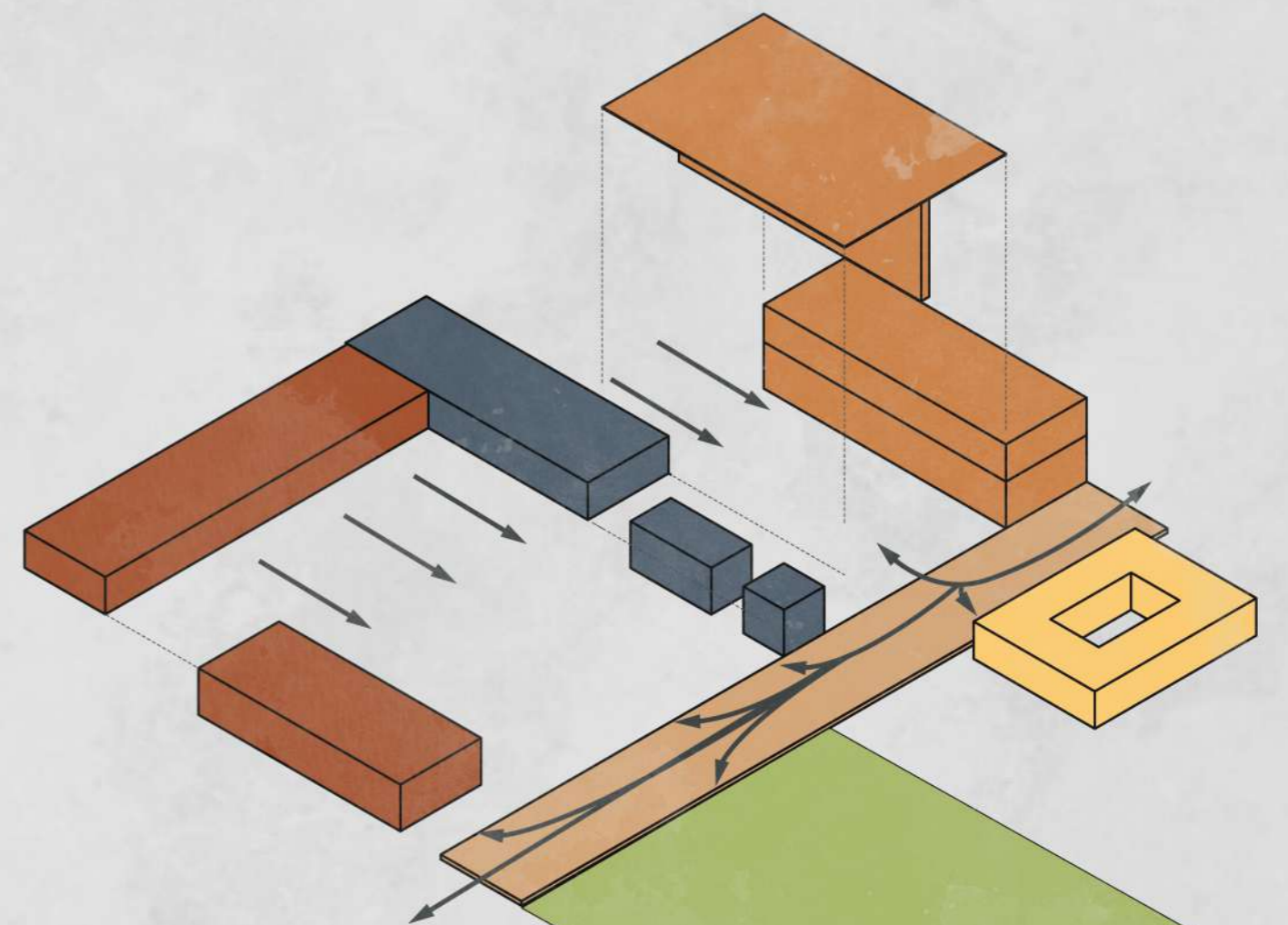
Em relação aos acessos internos, a maior parte da área edificada é composta por espaços de livre circulação, projetados de forma dinâmica e multifuncional. Exemplos incluem o espaço expositivo do Eixo 3, seu vão livre e a cobertura destinada a feiras e eventos. Todos os pisos desses espaços são nivelados, facilitando uma circulação ágil. No pavimento superior, os espaços também são totalmente circuláveis, e, embora o bloco do Eixo 2 esteja afastado, ele é interligado por duas passarelas nas extremidades do edifício. Assim, os espaços de acesso restrito são limitados às áreas de trabalho, administrativas e comerciais, como ilustrado no diagrama abaixo. O acesso ao primeiro andar é garantido por escadas nas duas extremidades e no centro do projeto, onde também estão dispostos uma rampa e um elevador, assegurando a acessibilidade em todo o edifício.



- Acesso público
- Acesso controlado

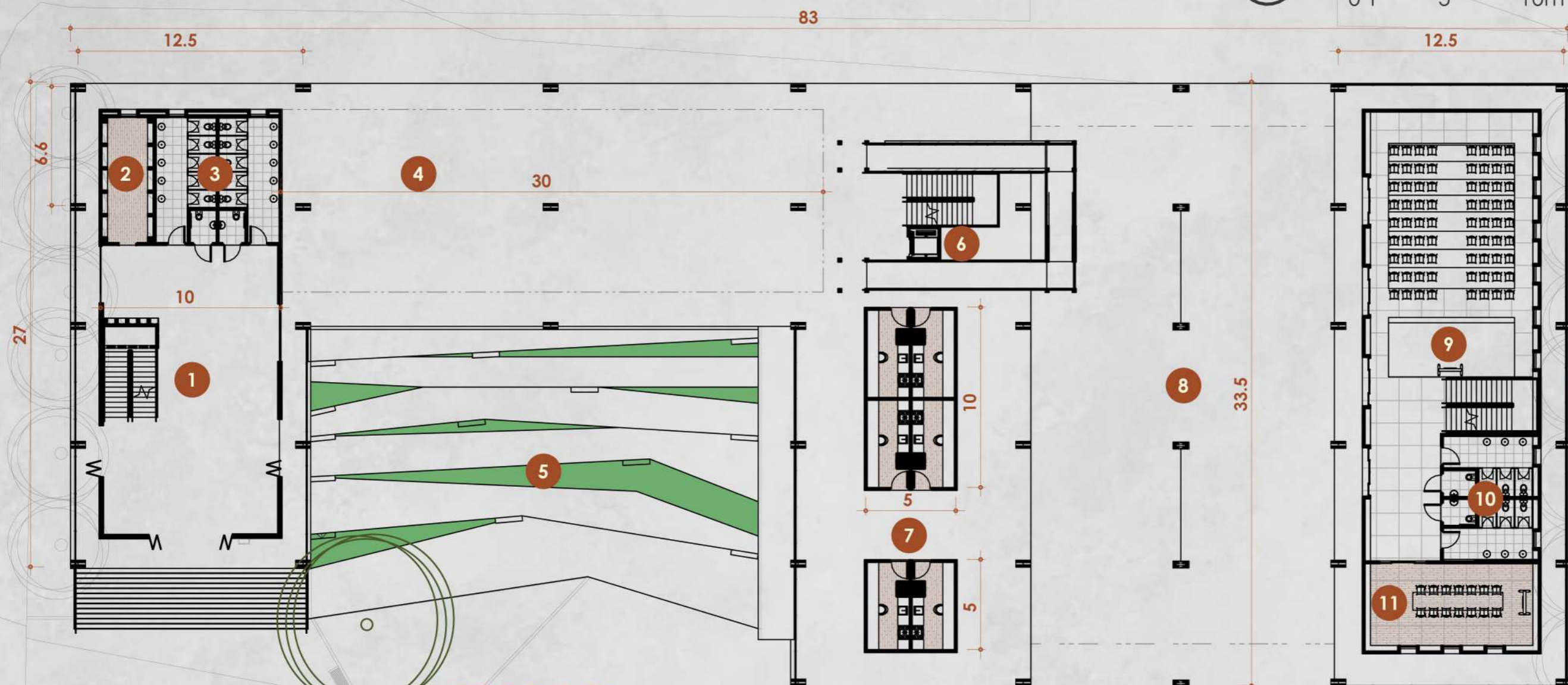
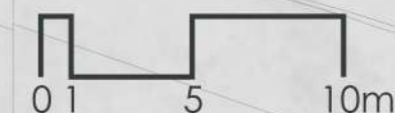


- Área molhada
- Circulação vertical



- Eixo 1\_Assistência
- Eixo 2\_Pertencimento
- Eixo 3\_Cultura
- Eixo 4\_Comércio
- Eixo 5\_Paisagem
- Caminho principal
- Acessos

# PLANTA - TÉRREO (NÍVEL 0)



## EIXO 3\_CULTURA

- 1\_EXPOSIÇÕES E OFICINAS (157m<sup>2</sup>)
- 2\_ALMOXARIFADO (20m<sup>2</sup>)
- 3\_SANITÁRIOS (48m<sup>2</sup>)
- 4\_VÃO LIVRE (306m<sup>2</sup>)
- 5\_DECKS/ARQUIBANCADA (380m<sup>2</sup>)

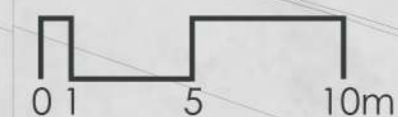
## EIXO 4\_COMÉRCIO

- 6\_CIRCULAÇÃO VERTICAL (95m<sup>2</sup>)
- 7\_QUIOSQUES DE ALIMENTAÇÃO (78m<sup>2</sup>)

## EIXO 2\_PERTENCIMENTO

- 8\_EVENTOS/FEIRA (565m<sup>2</sup>)
- 9\_AUDITÓRIO (188m<sup>2</sup>)
- 10\_SANITÁRIOS (35m<sup>2</sup>)
- 11\_SALA DE REUNIÕES (42m<sup>2</sup>)

# PLANTA - PRIMEIRO PAVIMENTO (NÍVEL +5)



## EIXO 3\_CULTURA

- 12\_RESTAURANTE (200m<sup>2</sup>)
- 13\_COZINHA (25m<sup>2</sup>)
- 14\_SANITÁRIOS (48m<sup>2</sup>)
- 15\_SALA DE ARTES PLÁSTICAS (88m<sup>2</sup>)
- 16\_SALA DE MÚSICA (100m<sup>2</sup>)
- 17\_SALA DE DANÇA E TEATRO (88m<sup>2</sup>)

## EIXO 4\_COMÉRCIO

- 18\_CIRCULAÇÃO VERTICAL (95m<sup>2</sup>)
- 19\_SALAS COMERCIAIS (32m<sup>2</sup>x4)

## EIXO 2\_PERTENCIMENTO

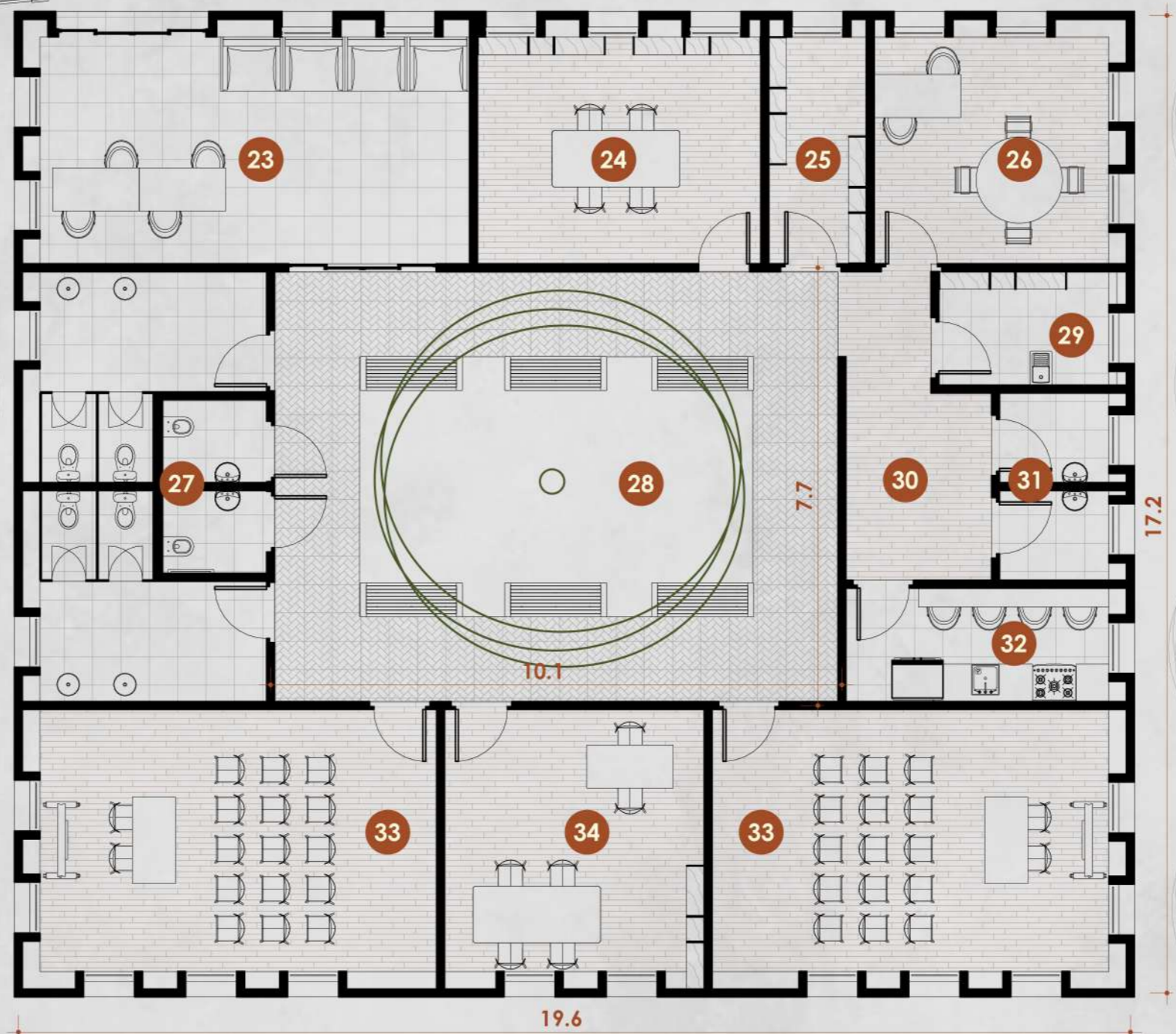
- 20\_BIBLIOTECA E ACERVO (177m<sup>2</sup>)
- 21\_SANITÁRIOS (38m<sup>2</sup>)
- 22\_ADMINISTRAÇÃO (40m<sup>2</sup>)

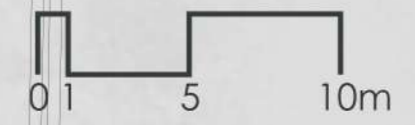
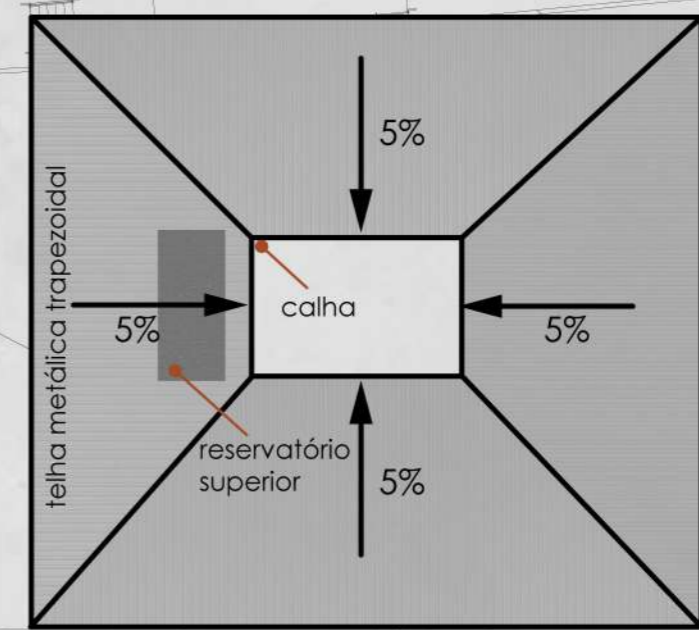
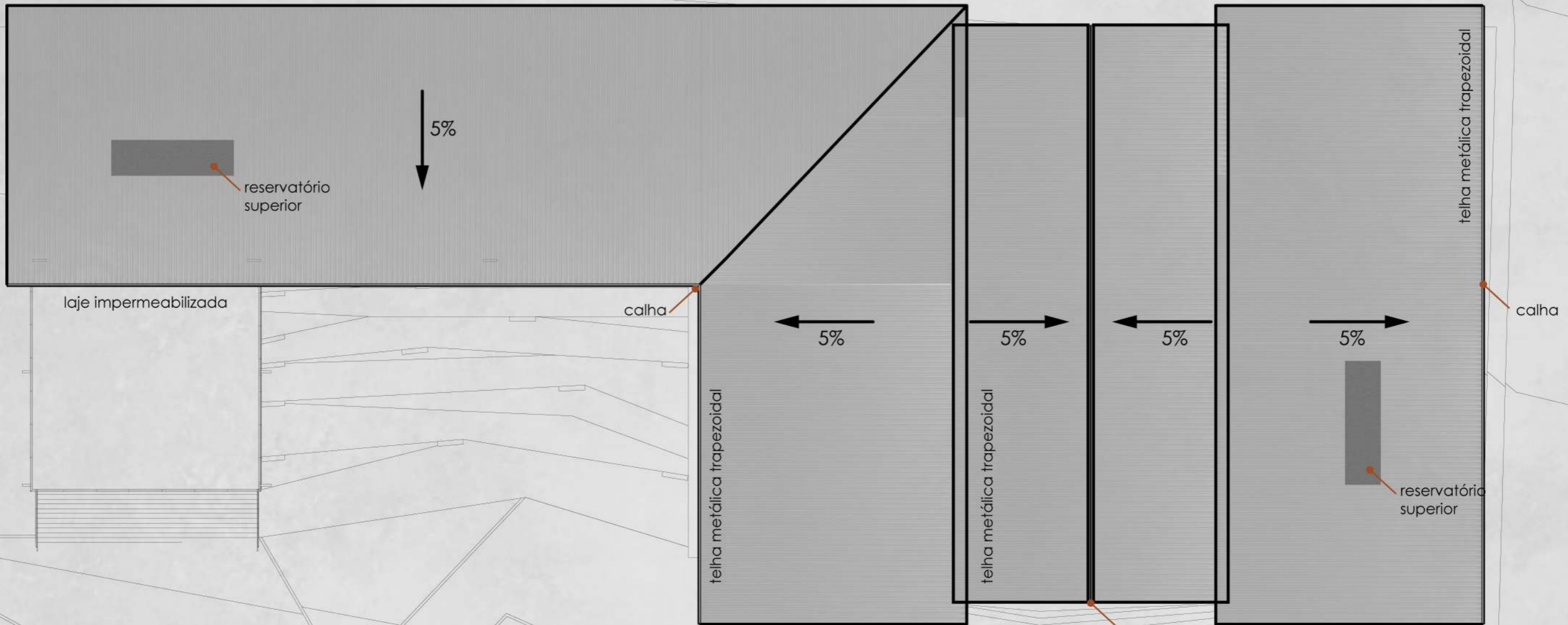
# PLANTA - CRAS (NÍVEL -2)



## EIXO 1\_ASSISTÊNCIA

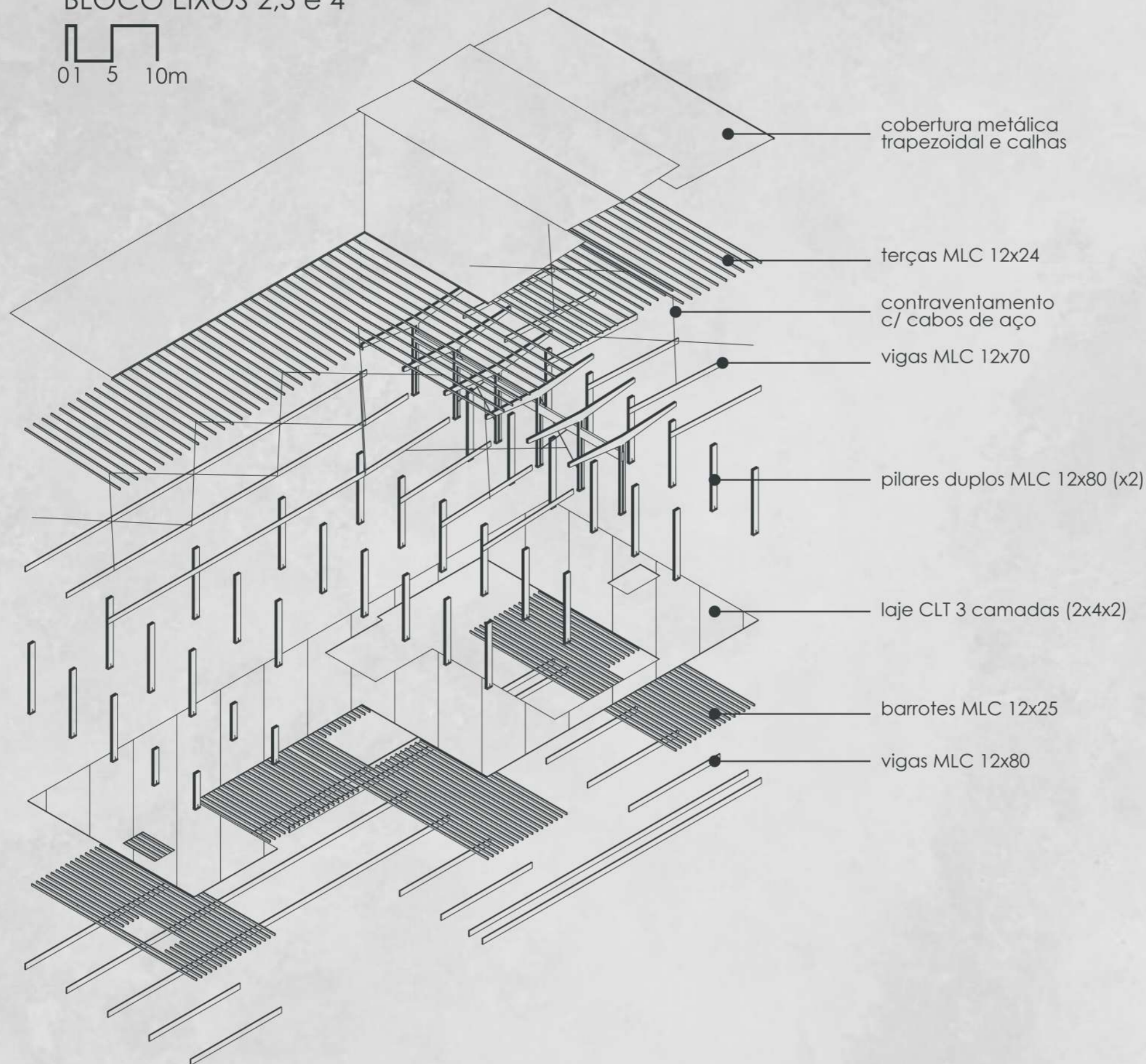
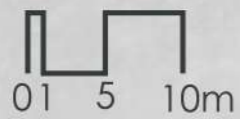
- 23\_RECEPÇÃO (30m<sup>2</sup>)
- 24\_ADMINISTRAÇÃO (20m<sup>2</sup>)
- 25\_ALMOXARIFADO (7m<sup>2</sup>)
- 26\_EQUIPE REFERENCIADA (17m<sup>2</sup>)
- 27\_SANITÁRIOS (31m<sup>2</sup>)
- 28\_JARDIM DE ESPERA (75m<sup>2</sup>)
- 29\_ÁREA DE SERVIÇO (6m<sup>2</sup>)
- 30\_HALL COLABORADORES (12m<sup>2</sup>)
- 31\_SANIT. COLABORADORES (7m<sup>2</sup>)
- 32\_COPA (9m<sup>2</sup>)
- 33\_ATENDIMENTO COLETIVO (32m<sup>2</sup> x2)
- 34\_ATENDIMENTO INDIVIDUAL (21m<sup>2</sup>)





# ISOMÉTRICA EXPLODIDA

## BLOCO EIXOS 2,3 e 4



cobertura metálica trapezoidal e calhas

terças MLC 12x24

contraventamento c/ cabos de aço

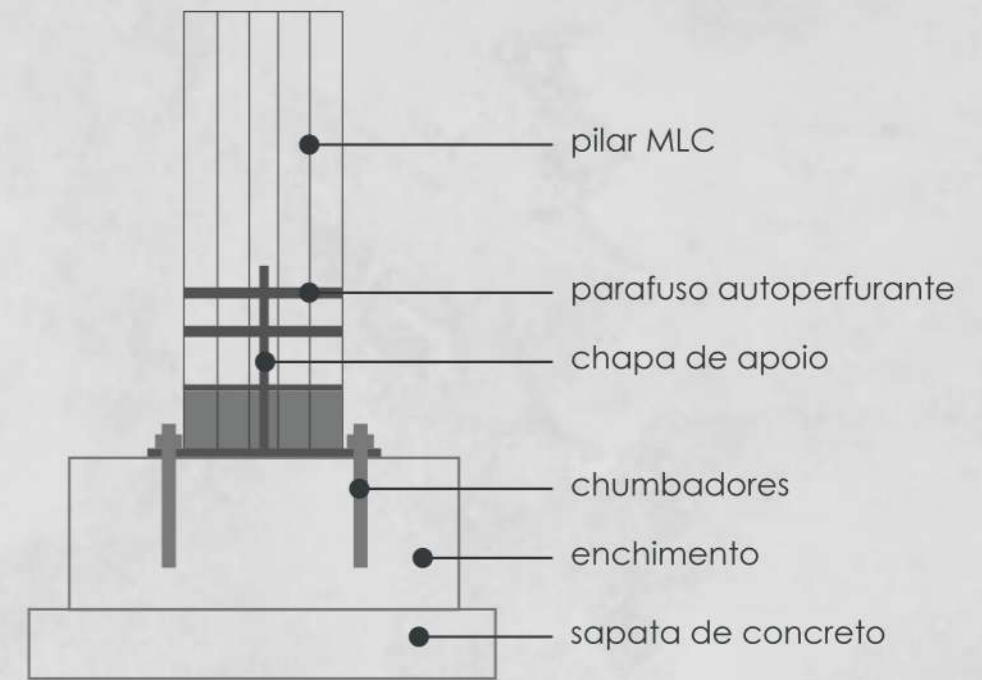
vigas MLC 12x70

pilares duplos MLC 12x80 (x2)

laje CLT 3 camadas (2x4x2)

barrotes MLC 12x25

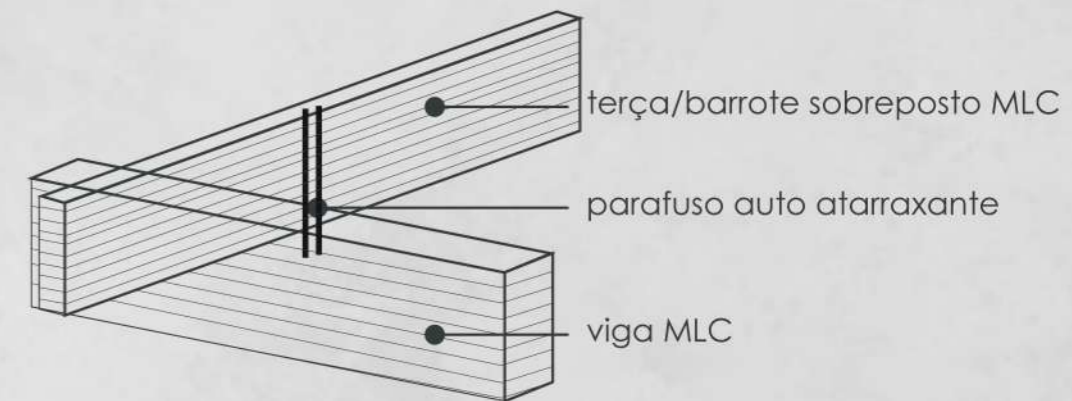
vigas MLC 12x80



**FIXAÇÃO PILAR X FUNDAÇÃO**



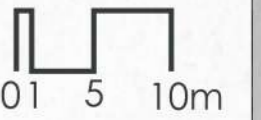
**FIXAÇÃO VIGA X PILAR**



**FIXAÇÃO TERÇA/BARROTE X VIGA**

ESPAÇOS LIVRES

R. SANTA ISABEL





**EIXO 5 PAISAGEM**

- 1\_Decks/arquibancada
- 2\_Caminho principal
- 3\_Horta comunitária
- 4\_Fonte seca
- 5\_Playground
- 6\_Topografia lúdica
- 7\_Gramadão
- 8\_Skatepark

**ÁRVORES PREEXISTENTE**

-  Grande porte
-  Pequeno porte
-  Abacateiro

**ÁRVORES PROPOSTAS**

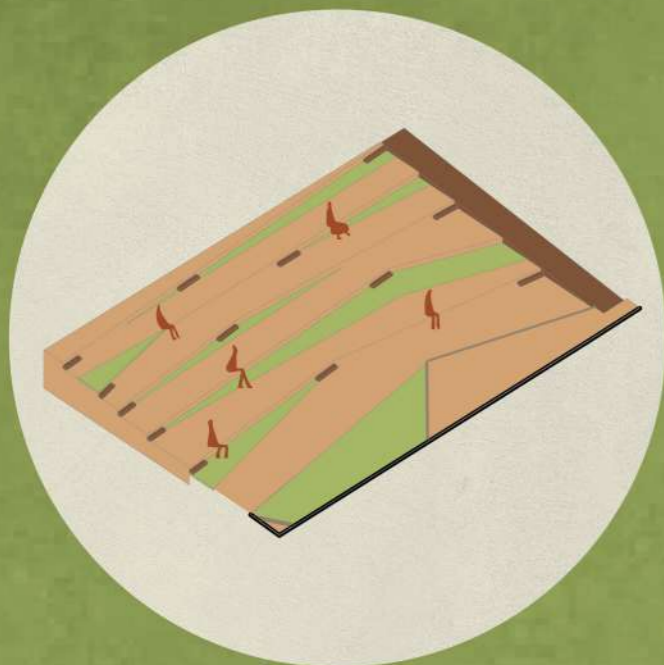
-  Grande porte
-  Pequeno porte

R. PADRE JOAQUIM BOTELHO FONSECA

R. SANTA CLOTILDE

R. PADRE JOAQUIM CIPRIANO DE CAMARGO

## ESPAÇOS LIVRES



1\_Decks/arquibancada



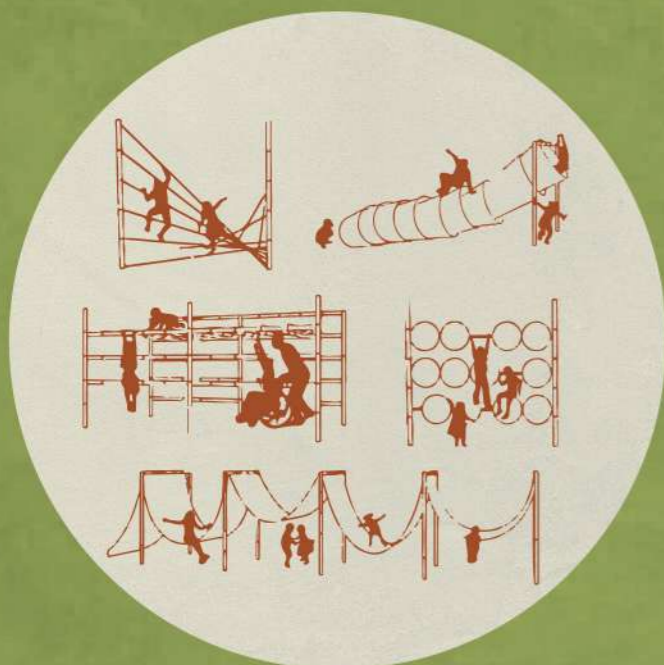
2\_Caminho principal



3\_Horta comunitária



4\_Fonte seca



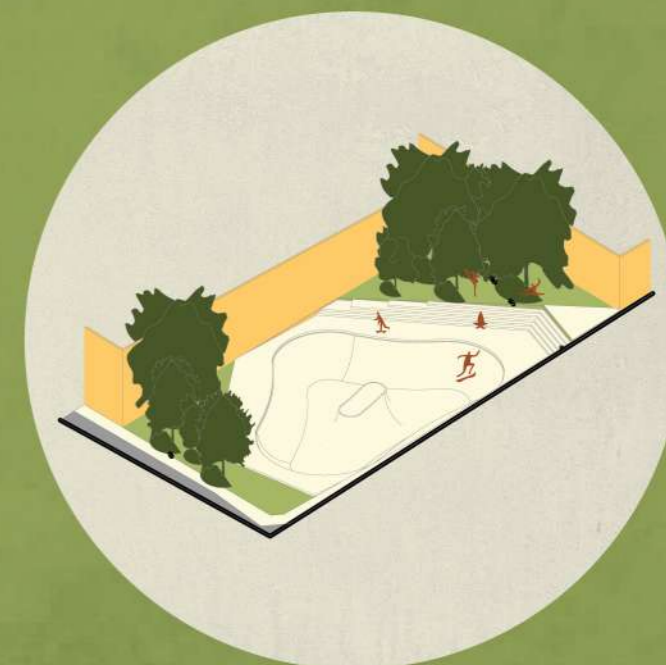
5\_Playground



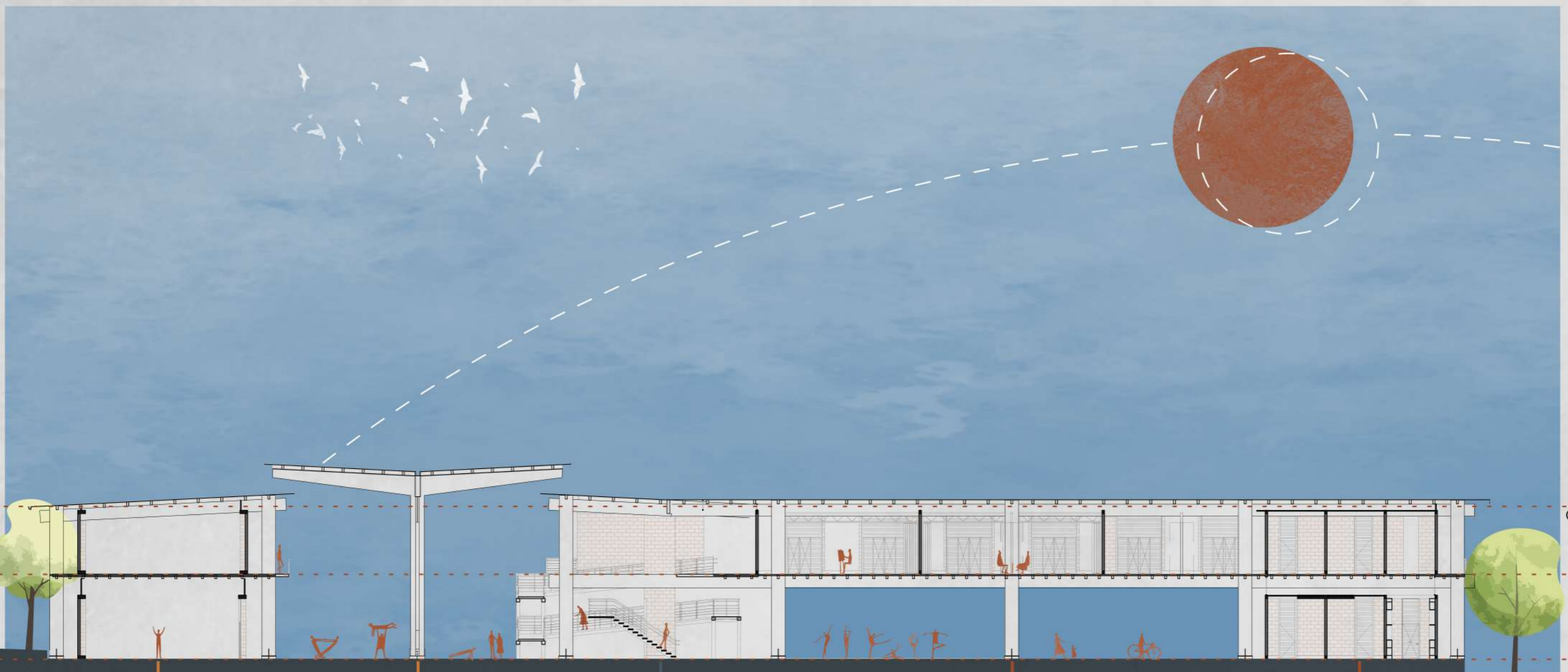
6\_Topografia lúdica



7\_Gramadão



8\_Skatepark



↑↓ CENTRO DE MEMÓRIA

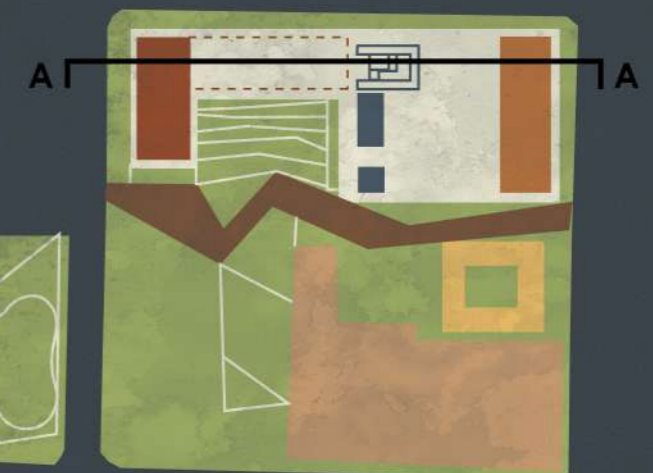
COBERTURA PARA FEIRAS E EVENTOS

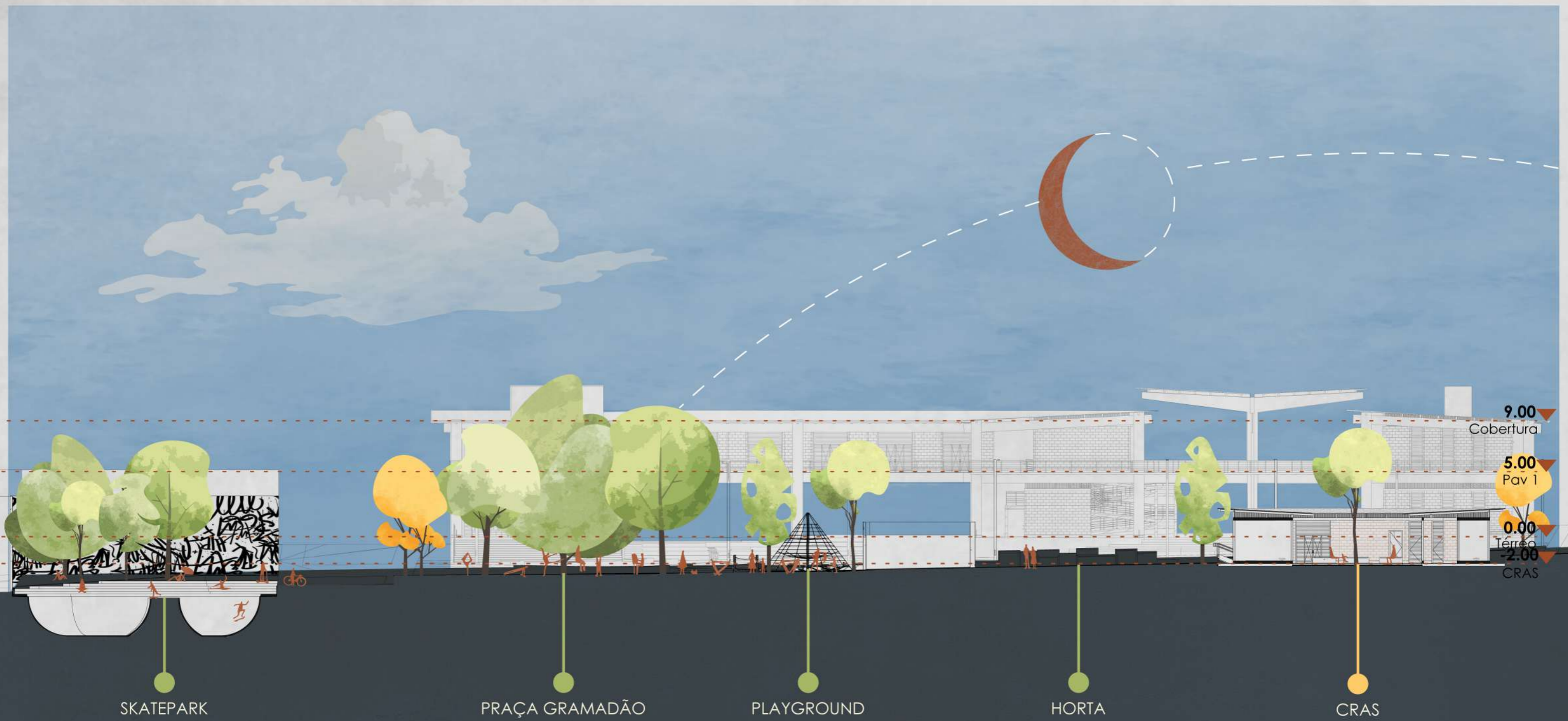
↑↓ CENTRO COMERCIAL

↑ CENTRO CULTURAL  
↓ VÃO LIVRE

↑ RESTAURANTE  
↓ CENTRO CULTURAL

**CORTE AA'**





9.00  
Cobertura

5.00  
Pav 1

0.00  
Térreo

-2.00  
CRAS

SKATEPARK

PRAÇA GRAMADÃO

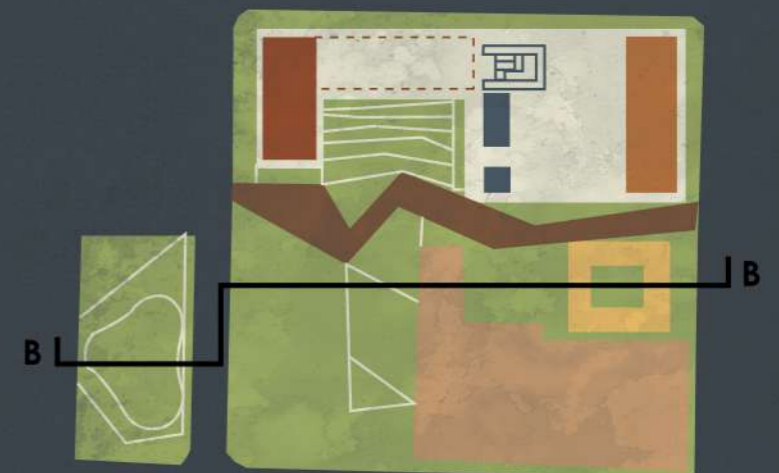
PLAYGROUND

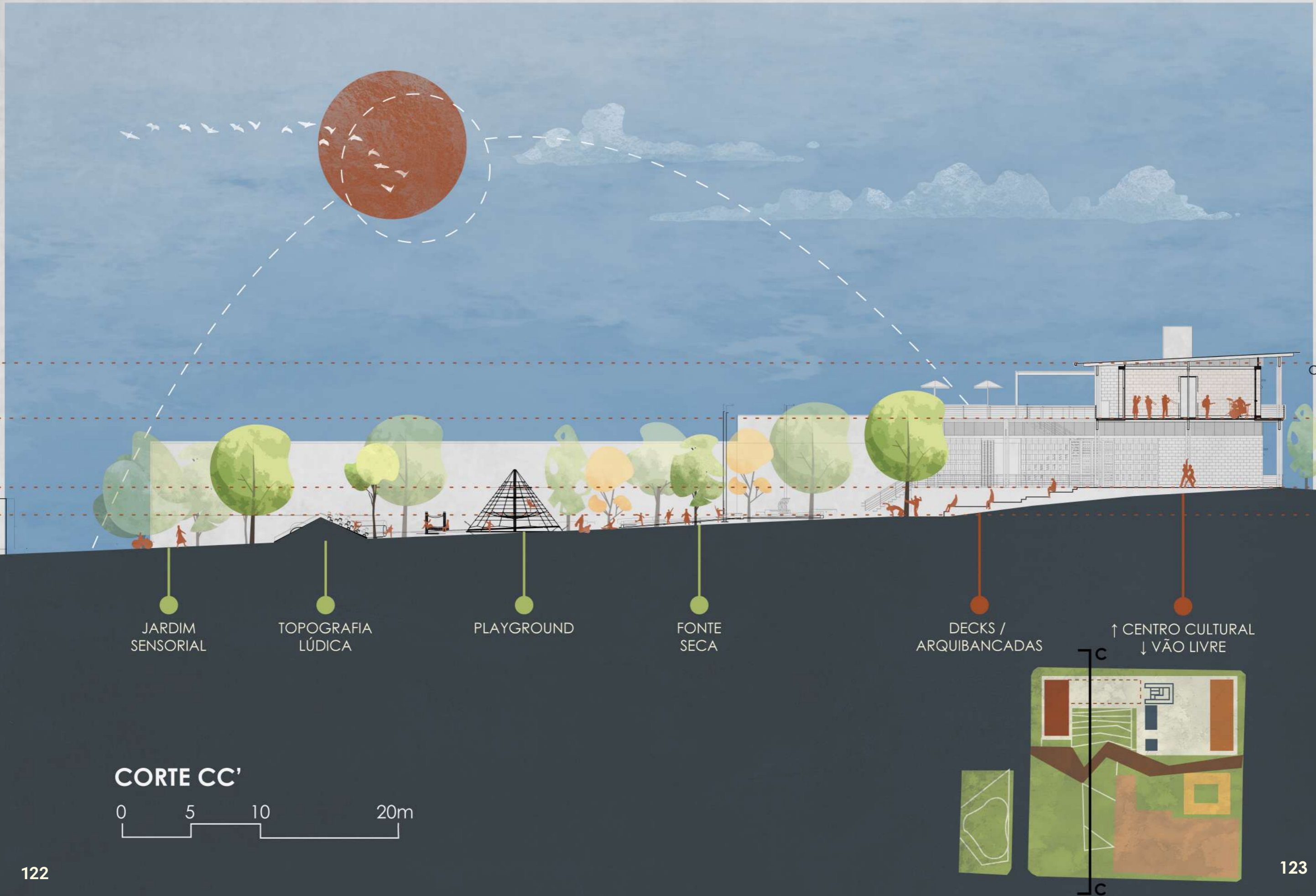
HORTA

CRAS

**CORTE BB'**

0 5 10 20m





9.00 ▾  
Cobertura

5.00 ▾  
Pav I

0.00 ▾  
Terreo

-2.00 ▾  
CRAS

JARDIM SENSORIAL

TOPOGRAFIA LÚDICA

PLAYGROUND

FONTE SECA

DECKS / ARQUIBANCADAS

↑ CENTRO CULTURAL  
↓ VÃO LIVRE

**CORTE CC'**

0 5 10 20m

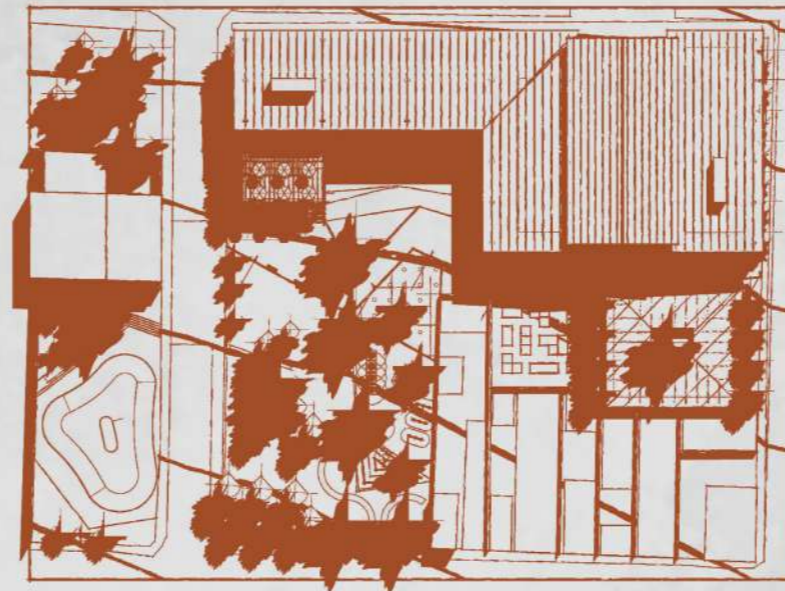
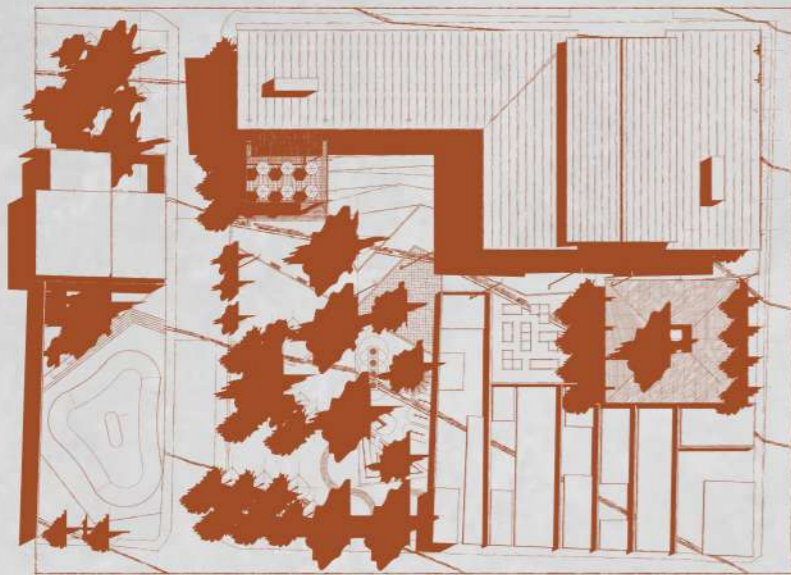
# ESTUDO DE INSOLAÇÃO

solstício de verão

equinócios

solstício de inverno

9h

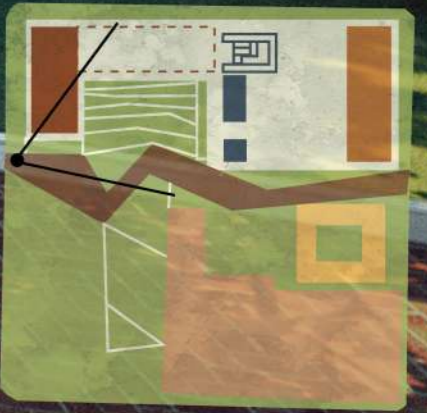


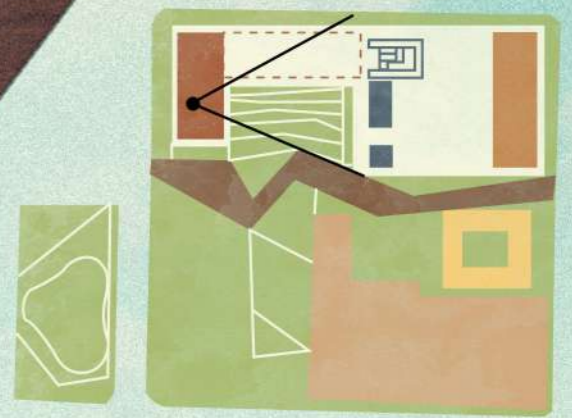
15h

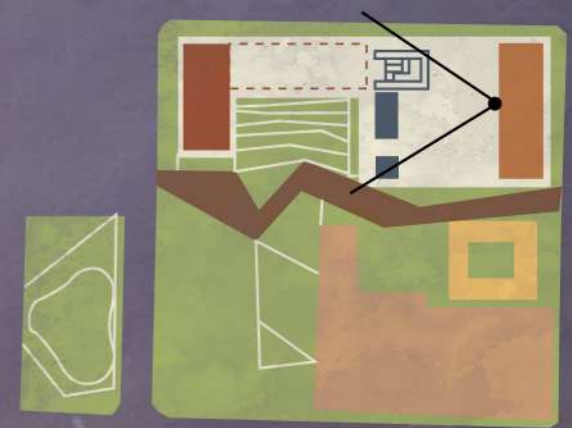




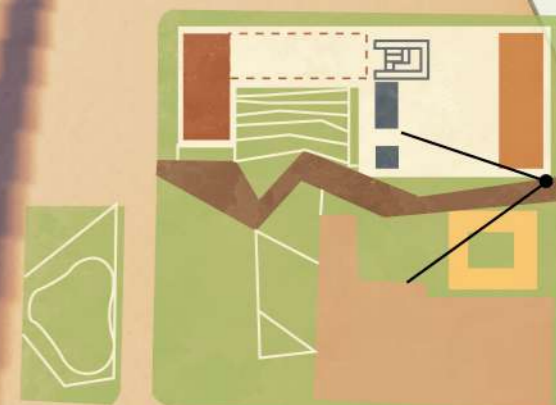


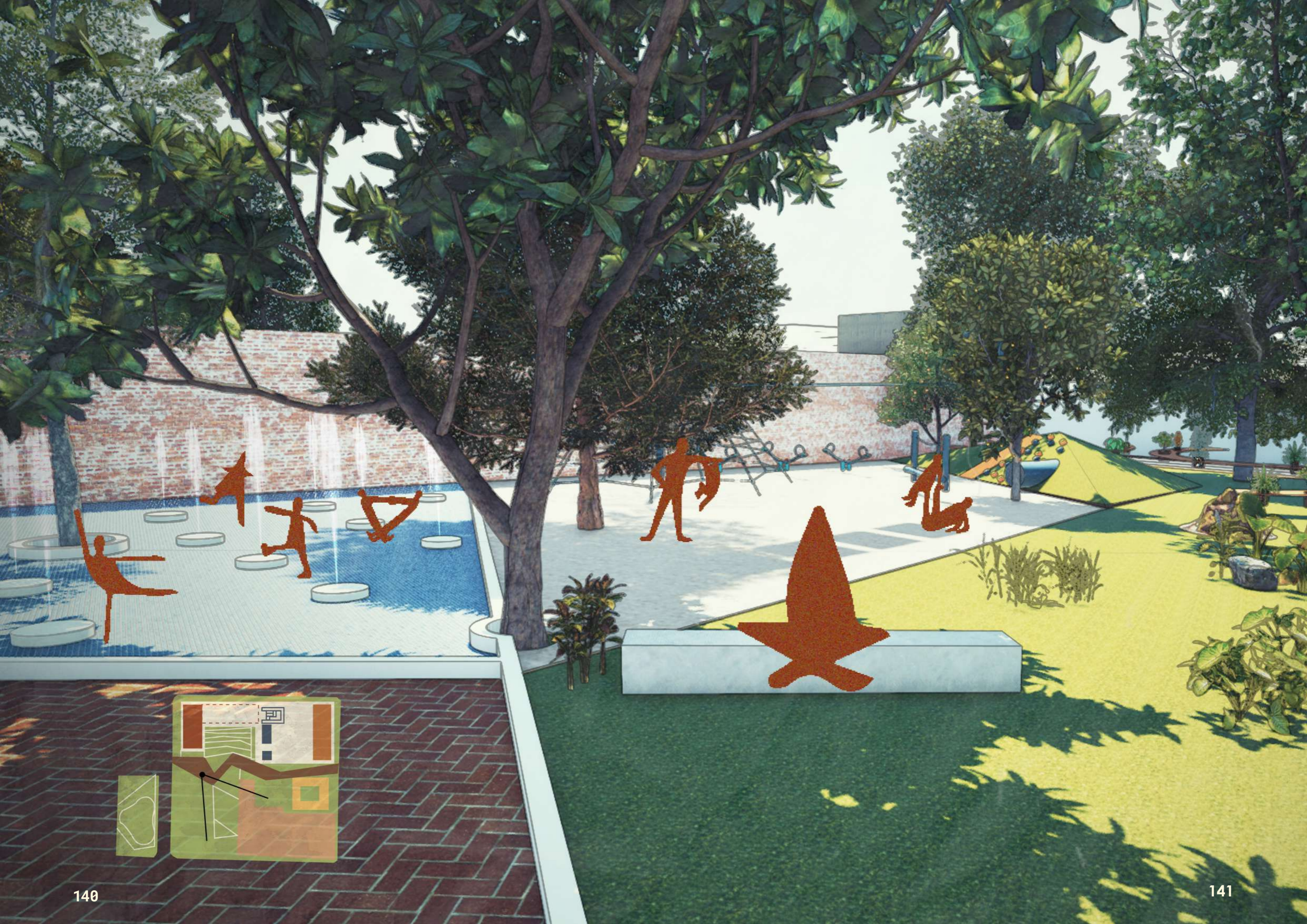






















## CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou revelar algumas das potências culturais e territoriais da Vila Izabel, resgatando memórias coletivas e práticas culturais muitas vezes silenciadas pelas narrativas hegemônicas. Mais do que um registro do passado, este estudo apresenta o patrimônio cultural como um processo dinâmico, cujas manifestações, ainda presentes, devem ser reativadas e reinterpretadas em seus novos contextos. A proposta arquitetônica elaborada não se limita à materialidade, mas trata-se de um convite à criação de espaços vivos que conectem histórias, corpos e práticas.

Ao longo do percurso, teoria e prática se entrelaçaram, somando conhecimentos adquiridos durante a graduação e as atividades de pesquisa, com referências culturais e territoriais afro-brasileiras. O projeto final não é apenas uma materialização dessas ideias, mas um convite ao debate sobre inclusão, patrimônio vivo e a reconfiguração das narrativas urbanas.

Neste sentido, este trabalho não se encerra em si mesmo, mas se coloca como ponto de partida para novas reflexões e debates sobre a preservação e resignificação das territorialidades negras nas cidades brasileiras. Encerrando esta etapa, sigo com a convicção de que a arquitetura pode ser um instrumento político e social, capaz de valorizar histórias invisibilizadas e construir futuros mais justos.

5

REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_BÂ, A. H. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2 ed. 2010. Capítulo 8, p. 167.

\_BORTOLUCCI, M. Â. **Moradias Urbanas Construídas em São Carlos No Período Cafeeiro**. São Paulo: FAU-USP. Tese de Doutorado, 1991.

\_CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. Annablume, 2006.

\_CHALHOUB, S. Cortiços In: CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

\_COSTA, E. V. da C. **Da senzala à Colônia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_COSTA, Natalia Alexandre. **Espaços negros na cidade pós-abolição: São Carlos, estudo de caso**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

\_CUNHA JUNIOR, H.; BIÉ, E. F. **Bairros negros, cidades negras**. Editora Via Dourada, 2019.

\_FARIA, Juliana P. R. de; REZENDE, Marco A. P. Inter-relações tecnológicas entre Brasil e África ocidental. **Fênix-Revista De História E Estudos Culturais**, v. 11, n. 2, p. 1-21, 2014.

\_FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Ubu Editora, 2022.

\_FILHO, W. F. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

\_FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_GUEDES, Simoni L. **Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais**. Caderno CRH, nº29, p. 189-208, 1998.

\_HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

\_HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. nº 24, 1996

\_HALL, S. Raça, O Significante Flutuante. Liv Sovik (tradução) em colaboração com Katia Santos. Z Cultural, **Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**. Ano VIII, 2, 2015.

\_HALL, S. **The work of representation**. In: \_\_\_\_ (ed). Representation. Cultural

Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi Sage/Open University, 1997.

\_KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das letras, 2019.

\_MATTOS, H. M. **Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3ª ed. São Paulo: ed. Ática, 1993.

\_MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo**. Editora Global, 2009

\_NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

\_NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

\_OLIVEIRA, J. D. **Da senzala para onde: negros e negras no pós-abolição em São Carlos (1880-1910)**. São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2018.

\_QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: clacso, 2000.

\_REZENDE, Marco A. P. de. Taipa de pilão histórica: roteiro para reconstituição. **Arquiteturarevista**, v. 8, n. 2, p. 101-107, 2012.

\_ROLNIK, R. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989.

\_SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

\_SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Autêntica Editora, 2021.

\_SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. **Revista CPC**, v. 14, n. 27esp, p. 14-31, 2019.

\_SMITH, Laurajane. Uses of heritage. In: **Encyclopedia of global archaeology**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 10969-10974.

\_SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Mauad

Editora Ltda, 2019.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. . In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2 ed. 2010. Capítulo 7, p. 157.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 47-62.

WEBER, R.; PEREIRA, E. M. Halbwachs e a memória contribuições à história cultural. **Revista Territórios e Fronteiras**, V. 3, N. 1, 2010.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. EDIPUCRS, 2014.

#### **FILME**

\_CARVALHO, Maria Julia (Direção). Curtas Universitários | Izabel. São Carlos-SP: Canal Futura, 2014. Curta-metragem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lx-fuBsdeol>. Acesso em: 24 nov. 2024.

#### **ENTREVISTAS**

\_NASCIMENTO, Julia F. **Entrevista** concedida a Vitor Daniel Menck. São Carlos, 2024.

\_OLIVEIRA, Maribia. **Entrevista** concedida a Vitor Daniel Menck. São Carlos, 2024.

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

\_imagem da capa

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagem pp. 16

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagem 1 pp.21

ESBELL, Jaider. It Was Amazon. Galeria Jaider Esbell, 2016. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>

\_imagem 2 pp.21

KRENAK, Ailton. Festa na Floresta. Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1998.

\_imagem pp. 22

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagem 1 pp.27

EARLE, Augustus. Negros lutando, Brasil. National Library of Austrália, s/d.

\_imagem 2 pp.27

Autor desconhecido. Cabeça de Porco, 1906.

\_imagem pp.30

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagem 1 pp.45

COSTA, N. A. Comício realizado na casa de João Francisco. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-04082015-114351/en.php>

\_imagens 2 e 3 pp.45

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagens pp. 46 e 47

adaptadas de NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagens pp.50 e 52

Google Street View, Vila Izabel, São Carlos, SP, acessada em 24 nov. 2024.

\_imagem pp. 56

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagem pp. 66

NASCIMENTO, J. O carnaval da Vila Izabel. Acervo pessoal de Julia Nascimento.

\_imagens 72 e 73, 74 e 75, 76 e 77

COSTA, N. A. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/>

disponiveis/102/102132/tde-04082015-114351/en.php

\_imagens 1, 2 e 3 pp.84 e 85

ARTICLE 25. Escola Amadou Hampaté Bâ. Disponível em: <https://www.article-25.org/our-work/college-amadou-hampate-ba>

\_imagens 4, 5 e 6 pp.84 e 85

LOCALWORKS. AWF Primary Schools in Karamoja Disponível em: <https://localworks.ug/project/awf-primary-schools-karamoja>

\_imagens 1, 2 e 3 pp.86 e 87

ARQUITECTURA, N. F.; BAMBÁ, J. C. Centro productivo comunitario Las Tejedoras. Disponível em <https://naturafuturarq.com/proyecto/centro-productivo-comunitario-las-tejedoras/>

\_imagens 4 e 5 pp.86 e 87

ARQUITECTURE, Kéré. Kamwokya Community Centre. Disponível em: <https://www.kerearchitecture.com/work/building/kamwokya-community-centre>

\_imagens 6, 7 e 8 pp.86 e 87

BLUE TEMPLE. Infinity Playground. Disponível em: <https://www.blue-temple.com/project/infinity>

